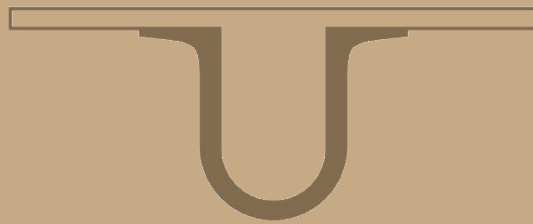




UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Ana Luísa da Palma Santos

**PRODUÇÃO E PROGRAMAÇÃO NAS XVII JORNADAS DE
CULTURA POPULAR DO GEFAC**

**Relatório de Estágio do Mestrado em Estudos Artísticos, orientado pelo Professor Doutor
Paulo Estudante, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus,
Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

Janeiro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

PRODUÇÃO E PROGRAMAÇÃO NAS XVII JORNADAS DE CULTURA POPULAR DO GEFAC

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Produção e Programação nas XVII Jornadas de Cultura Popular do GEFAC
Autora	Ana Luísa da Palma Santos
Orientador	Professor Doutor Paulo Eugénio Estudante Dias Moreira
Júri	Presidente: Doutor Sérgio Emanuel Dias Branco
	Vogais:
	1. Doutor João Maria Bernardo Ascenso André
	2. Doutor Paulo Eugénio Estudante Dias Moreira
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Artísticos
Data da defesa	11-02-2020
Classificação do Relatório	15 valores
Classificação do Estágio e Relatório	15 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



ÍNDICE

RESUMO	1
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1 – O GEFAC – CONTEXTUALIZAÇÃO DA ENTIDADE ACOLHEDORA	
1.1. Contextualização histórica e Estado da Arte	5
1.2. A Etnografia e o GEFAC	10
1.3. Atividades formativas	13
1.4. História e contextualização das Jornadas de Cultura Popular	15
CAPÍTULO 2 – A reinterpretação da música tradicional em Portugal	17
CAPÍTULO 3 – O ESTÁGIO – PRODUÇÃO E PROGRAMAÇÃO NAS XVII JORNADAS DE CULTURA POPULAR	
3.1. Estágio e atividades realizadas	20
3.1.1. Produção e programação: casos observados	23
3.1.2. Escolha do tema e programação da XVII edição das Jornadas de Cultura Popular	25
3.1.3. Comunicação, divulgação e receção do público	29
3.1.4. Parceiros associados e apoios	30
CONCLUSÃO E BALANÇO CRÍTICO	32
BIBLIOGRAFIA	35
WEBGRAFIA	38
ANEXOS	39
ANEXO A – Cronologia..	40
ANEXO B – Material de divulgação	48
ANEXO C – Carta de apresentação	58
ANEXO D – Documento do horário da bilheteira – Sala do GEFAC	61
ANEXO E – Fotografias do espetáculo De Lá Para Cá: Cantando e Andando	63

RESUMO

Produção e Programação nas XVII Jornadas de Cultura Popular do GEFAC

Este relatório é o resultado descritivo e reflexivo do meu estágio curricular de Mestrado, realizado no âmbito do 2º ciclo de Estudos Artísticos, curso pertencente ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A entidade de acolhimento escolhida foi o GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra, assumindo eu funções na organização e programação das XVII Jornadas de Cultura Popular, evento bienal, este ano com a temática “Ofícios, Cantos e Contos: A Mulher e a Cultura Popular”. O estágio aconteceu entre 1 de dezembro de 2018 e 31 de março de 2019.

Neste documento abordo a história do GEFAC, o seu trabalho etnográfico, formativo e criativo, tentando enquadrá-los historicamente e apresentando também o Estado da Arte: investigações e abordagens relativas à cultura e música tradicional portuguesa. Abordo de seguida as Jornadas de Cultura Popular, uma atividade central do GEFAC, onde procuro fazer a sua contextualização histórica e social. Finalmente para a edição deste ano, cuja organização estive envolvida, procurarei expor criticamente os processos de criação do novo espetáculo geral, a produção e programação dos restantes concertos e palestras, a divulgação e finalmente as Jornadas em si, que aconteceram de 8 de março a 5 de abril em diversos espaços culturais da cidade de Coimbra. Concluo com uma resenha descritiva do meu estágio, com todas as atividades realizadas e também um balanço final.

Palavras-chave: GEFAC, cultura tradicional, revivalismo, etnografia, criação artística

ABSTRACT**Production and Programming in Gefac's XVII Jornadas de Cultura Popular (Folk Culture's Journeys)**

This report is the descriptive and reflexive output of my Masters curricular internship, carried out under the 2nd cycle of Arts Studies, course integrated in the History, European Studies, Archeology and Arts Department of Faculty of Arts and Humanities, University of Coimbra.

The chosen host entity was GEFAC - Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (Ethnography and Folklore Group of Coimbra's Academy), assuming myself roles in the organization and programming of the XVII Jornadas de Cultura Popular, biennial event, this year under the theme "Ofícios, Cantos e Contos: A Mulher e a Cultura Popular" (Crafts, Songs and Tales: Woman and the Folk Culture). The internship took place between 2018 December 1st and 2019 March 31.

In this document I approach GEFAC's history, their ethnographic, formative and creative work, framing it historically and also offering a state of art about research and approaches to the Portuguese folk culture and music. Next I approach the Jornadas de Cultura Popular, a GEFAC central activity, wich I aim to contextualize historically and socially. Finally, for this year's edition, in which organization I was involved, I will try to expose critically the creation processes of a new general show, the production and programming of the remaining concerts and talks, the promotion and finally the Jornadas itself, that happened between March 8th and April 5th, in different cultural venues in the city of Coimbra. I conclude with a descriptive review of my internship, with all the performed activities and also a final balance.

Keywords: GEFAC, folk culture, revival, ethnography, artistic criation

INTRODUÇÃO

Este relatório é referente ao meu estágio curricular, realizado no âmbito do 2º ciclo de Estudos Artísticos, curso pertencente ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O estágio aconteceu entre 1 de dezembro de 2018 e 31 de março de 2019 e a entidade de acolhimento escolhida foi o GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra. A escolha foi natural, uma vez que pertenço à tocata deste grupo desde 2017, como violinista, e sou membro da Direção desde o início do ano letivo 2018/2019.

Integrei este coletivo como violinista em 2017, depois de um cartaz que anunciava uma oficina de Cante Alentejano me ter chamado à atenção. Por este motivo entrei em contacto com o grupo e fui desde logo convidada a assistir a ensaios e também a assistir às atividades das XVI Jornadas de Cultura Popular que estavam prestes a decorrer. Como elemento participei em várias apresentações do espetáculo geral “De Novo Mar”, assim como noutros concertos e atividades da Tocata e Cantata.

O meu estágio focou-se especificamente na organização e programação das XVII Jornadas de Cultura Popular, que acontecem de dois em dois anos em vários espaços culturais da cidade de Coimbra. Já tinha colaborado na produção de outros eventos, como é o caso da Feira da Música da Associação de Músicos de Beja, mas esta foi a primeira vez que pude acompanhar todo o processo organizativo desde o início até ao pós-evento, em todas as suas etapas, burocracias, necessidades logísticas e também no trabalho criativo, de programação, de contacto com os artistas e outros convidados, para além do público. Mostrou-se uma oportunidade única de aprender (e perceber) como se organiza uma programação temática e circunscrita temporalmente, com características próximas de um Festival como é o caso das Jornadas. Pude igualmente acompanhar a criação do espetáculo geral do GEFAC “De Lá Para Cá: Cantando e Andando” (estreado nas Jornadas), de uma dupla perspetiva: como estagiária de produção e como instrumentista integrante do grupo.

Esta experiência de âmbito quase etnográfico mostrou-me várias facetas deste coletivo que até ao momento não tinha abarcado. O facto de estar centrada na pesquisa e reflexão para a elaboração deste relatório fez-me olhar o GEFAC de outra perspetiva, mais profunda no que toca ao seu papel histórico e cultural, quer no contexto da cidade de Coimbra, quer no âmbito nacional. Enquadrar a sua criação historicamente no movimento revivalista *folk*, surgido na segunda metade do séc. XX, ajudou-me a relacioná-la com o contexto político da época e com outros fenómenos musicais contemporâneos e

subsequentes. *A música da tradição oral continua a ser, desde há 150 anos, um domínio revisitado em Portugal. Actualmente, um número crescente de músicos dá continuidade a essa acção. Diferentemente dos protagonistas das revisitações anteriores, estes músicos promovem hoje uma relação dinâmica, entre passado e presente, rural e urbano, “tradições musicais” e tecnologia. Aliás, a tecnologia configura-se como um meio de visitar e de recriar o discurso musical da tradição, devolvendo-lhe o dinamismo que assegura a sua adequação aos tempos. A procura das tradições musicais já não visa a legitimação do discurso construído em palco, através da exibição de uma suposta autenticidade. A veneração cede lugar à reutilização, num processo de coexistência e de sustentabilidade entre a música da tradição oral e as criações destes músicos.* (PESTANA 2009: p. 5).

A colaboração com um grupo etnográfico é, desde logo, uma aproximação a todos os tempos em que não vivemos. É possível sentir um pouco da história de um lugar ou de um tempo a partir da sua etnografia.

CAPÍTULO 1 – O GEFAC – CONTEXTUALIZAÇÃO DA ENTIDADE ACOLHEDORA

1.1. Contextualização histórica e Estado da Arte

O Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra, ali onde o vemos, é mais do que ele: o todo é maior que a soma das partes, num grupo em que o desempenho em comum esbate o protagonismo. Ressuma ao ânimo e à entrega dos que o compõem e compuseram, num tempo longo de meio século. Por lá passaram 850 pessoas, dedicadas à recolha etnográfica, à formação, à realização de colóquios, à representação, ao canto, à dança. A memória tem também uma materialidade no acervo que resulta das coletas feitas ao sabor da extensão da rede dos que o foram compondo. (GODINHO in GEFAC 2017: p. 11)

O Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) foi fundado em 1966 como Organismo Autónomo da Associação Académica de Coimbra (AAC). Surge na sequência da extinção do Grupo Universitário de Danças Regionais (GUDR), em 1964, que não resistiu às desavenças políticas dentro da AAC, e um conseqüente curto período em que a Tuna Académica da Universidade de Coimbra (TAUC) cria em forma de substituição uma secção de danças regionais, recorrendo até aos mesmos trajes. Será desta célula que irá surgir o GEFAC, ao desagregar-se da Tuna e se constituir como organismo independente. O grupo tem desde logo como principais eixos de ação a recolha, formação e divulgação de manifestações culturais individuais e coletivas das populações rurais portuguesas nas suas diversas vertentes: danças, teatro, cantares, música instrumental, usos e costumes.

A criação do GEFAC insere-se temporal e ideologicamente no movimento revivalista, nascido no final dos anos 50, início dos anos 60 nos Estados Unidos. É o revivalismo da canção *folk* e também dos instrumentos a ela ligada, que ganha ecos de âmbito transnacional, inspirando outros a fazerem o mesmo dentro das suas culturas. Bob Dylan, Joan Baez, Pete Seeger, Woody Guthrie nos Estados Unidos ou Fairport Convention e Richard Thompson no Reino Unido, entre muitos outros, são nomes que se destacam e que ajudam a difundir este movimento, ligado ao Movimento Estudantil, de forte contestação social, à necessidade de criação de uma contra-cultura (por oposição ao *mainstream* vigente), à luta pela liberdade de expressão e também a levantamentos políticos ligados a valores de esquerda, incluindo o comunismo (ROSENBERG 1993, p. 7). Assim nasce o revivalismo *folk* nos EUA, no Reino Unido, na Irlanda, em França, na Galiza, só para citar alguns exemplos mais dinâmicos, e também em Portugal. No nosso país destaca-se a ação de nomes como Fernando Lopes-Graça, Michel Giacometti, Ernesto Veiga de Oliveira, Adriano Correia de Oliveira e Zeca Afonso (estes dois últimos fortemente ligados a Coimbra), que em diferentes âmbitos irão recolher e promover a canção popular (o nosso “*folk*”) como meio de contestação e libertação dos valores estabelecidos, nomeadamente do fascismo e da Guerra Colonial (iniciada em 1961).

Como nos diz Salwa Castelo-Branco:

“Músicos e investigadores opostos ao Estado Novo interessam-se igualmente pelo estudo e divulgação da música rural, procurando constituí-la como um meio de combate ao regime e ao modelo de folclorização por ele promovido” (CASTELO-BRANCO 2010: p. 426).

No mesmo sentido uma nova geração entrega-se à busca intelectual e conceptual da “autenticidade”:

“Em paralelo cresce em jovens portugueses o interesse pela descrição dos “usos e costumes” populares, contribuindo para uma “ciência do povo”. Saturados da vida urbana, fazem escapadas, ficam ao relento, longe de casa, por montes e vales, frequentando arraiais e romarias, numa aprendizagem das convivências que se proporcionam durante os folguedos camponeses. A “descida ao povo” nasce dum ímpeto de rebeldia contra a própria condição social. O novo compromisso afectivo encontra na busca da autenticidade formulação intelectual.” (CASTELO-BRANCO E BRANCO 2003: p. 6)

O GEFAC surge então num período de luta juvenil e estudantil, pela mão de jovens que pertencem a uma geração que lidera a crescente contestação ao regime vigente e às suas políticas. O seu posicionamento ideológico, então claramente à esquerda, anti-fascista, fazem dele muito mais do que um mero agrupamento etnográfico. Da organização e empenho nasce a força de ir contra a corrente e envolver nisso muita gente. Esse será um dos motivos pelo qual o GEFAC marca de forma ímpar o panorama cultural do país, sendo de certa forma pioneiro no que nos anos 70, após a revolução, iriam ser os Grupos de Ação Cultural – *Vozes na Luta, Raízes*, entre outros. (GUERREIRO e ROXO 2010)

Até ao presente, ao longo de já cinquenta anos de atividade, passaram pelo GEFAC perto um milhar de membros, oriundos de várias zonas do país e também de outras nacionalidades, quase todos estudantes da Universidade de Coimbra ou de outras instituições de Ensino Superior existentes na cidade. Alguns deles mantêm-se no grupo mesmo após a conclusão dos estudos e ao longo de uma vida profissional ativa. Ainda assim, todos os anos letivos dezenas de elementos deixam o grupo e outros tantos integram-no, criando um perpétuo renovar de energias, mas também alguma instabilidade artística, que procuram superar rapidamente nos meses seguintes.

A predominância feminina tem sido uma constante ao longo da história do grupo. Mais recentemente alunos estrangeiros, muitos em programa ERASMUS, têm procurado o grupo, vendo nele uma forma de aprofundar o conhecimento sobre a cultura popular portuguesa.

Tem sido também comum ao longo do seu meio século de atividade alguns dos elementos desenvolverem outros trabalhos ou até carreiras profissionais e artísticas a partir da sua experiência no grupo, uns em áreas académicas como a antropologia e a etnomusicologia, outros na área da música tradicional e *folk*. Grupos como a Brigada Vitor Jara, Segue-me à Capela, Diabo a Sete, e mais recentemente Macadame, nasceram da dinâmica criada entre músicos dentro do GEFAC e da (con)vivência com a etnografia e os repertórios tradicionais.

Estes repertórios, assim como os instrumentos musicais escolhidos pelo grupo, têm variado ao longo dos anos e conforme os elementos que o integram. Quando foi criado, o enfoque estava no repertório de dança e música de três regiões – Minho, Beira Alta e Nazaré – espelhando a imagem do país também regionalmente dividido. Em 1970 surge a necessidade de criar dentro do coletivo o Conselho de Estudos Etnográficos, uma secção de poesia popular e também de teatro popular (SILVA e CARDINA in GEFAC 2017: p. 38). A combinação das vertentes de investigação e de representação etnográfica tem sido desde então a fórmula artística proposta pelo GEFAC, a base sobre a qual tem construído todo o seu discurso interventivo e sustentado o seu modelo de folclore “sério” (em oposição à ação formatadora que havia sido imposta ao folclore nacional pelo regime de Salazar).

Atualmente o grupo divide-se em quatro secções artísticas: Tocata, Cantata, Danças e Teatro. Desenvolvem o trabalho tanto em conjunto como em separado, em diferentes conjugações entre si, conforme as situações (por exemplo ensaios só de Danças, ou da Cantata, espetáculos só com a Tocata e Cantata, ou outros com a Tocata, Cantata e Dança, espetáculos só com a secção de teatro, etc). O Espetáculo Geral é normalmente o grande momento em que todas as áreas se juntam para trabalhar e criar em conjunto. O grupo cria normalmente um Espetáculo Geral sempre que organiza umas novas Jornadas de Cultura Popular, a cada dois anos, mas já aconteceu criar fora desse contexto programático. Esse Espetáculo Geral é depois levado várias vezes à cena, a convite de entidades ou inserido em festivais e outros eventos, e pode acontecer estarem dois diferentes Espetáculos Gerais a serem regularmente apresentados a público no mesmo ano, o mais recente e o anterior.

Pela sua relevância histórica e pelo seu já longo percurso, encontramos o GEFAC em alguma literatura temática. Desde logo, na edição especial de meio século do grupo *Bico Bico Chão 50 anos GEFAC*, uma extensa obra editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, com vários artigos escritos por figuras ligadas ao GEFAC e especialistas. O livro aborda a história, métodos de trabalho e evolução conceptual do coletivo ao longo de meio século de atividade, com especial relevo para o papel das Jornadas de Cultura Popular na comunidade. De entre os vários autores presentes destaco a etnomusicóloga Julieta Silva,

antigo membro da tocata, que está atualmente a desenvolver a sua tese de Doutoramento (na Universidade de Aveiro) sobre o GEFAC e o seu impacto na vida social e percursos individuais dos seus membros.

Na *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX* (dirigida por Salwa Castelo-Branco, editada pelo Círculo de Leitores em 2010) não encontramos nenhuma entrada sobre o GEFAC, mas encontramos-lo referenciado em algumas outras, como o texto sobre a Brigada Victor Jara (LIMA 2010), onde se explica que alguns dos seus elementos fariam parte do GEFAC; a biografia do músico e construtor de instrumentos Fernando Meireles, que integrou o GEFAC em 1984 e no seu seio pode desenvolver e divulgar a sua atividade como *luthier* (CÉSAR e ROXO 2010); as entradas sobre José Horácio Miranda e Rui Pato (CARVAS 2010), que passaram ambos pelo GEFAC no percurso musical – o último terá realizado com o grupo vários concertos no país e duas digressões à União Soviética (1977 e 1984).

As investigadoras Savina Lafita e Amanda Guapo (a segunda com um longo percurso no GEFAC e atualmente parte da Assembleia-Geral) referem no seu artigo “Apropriações das Festas de Inverno em Trás-os-Montes” (GUAPO e LAFITA 2012) a intervenção do grupo na dinâmica do folclore transmontano, nomeadamente levando por meio de convite a Coimbra – e pela primeira vez para fora do seu “território” – o grupo de caretos de Podense, em 1985.

O investigador e construtor de adufes Rui Silva menciona o GEFAC num artigo que escreve e publica no seu site pessoal, onde é mencionado e valorizado como sendo um dos grupos em Portugal que aplica a arte de tocar adufe no seu repertório:

“Adufes e pandeiros encontram nos centros urbanos do litoral grande receptividade (sobretudo o adufe). São instrumentos apreciados, valorizados e tocados por inúmeras pessoas e grupos tais como: Adufes em Lisboa, as Adufeiras do Porto, Adufe e Alguidar, Cramol, Segue-me à Capela, NEFUP, GEFAC, etc.”¹

Em julho de 2019 o grupo foi gravado pela primeira vez pelo projeto *A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria*², passando a fazer parte desse acervo, atualmente tão relevante para o panorama musical nacional. É neste esforço continuado de divulgação que foram possíveis até agora cerca de 800³ espetáculos apresentados, quer no país quer no estrangeiro (digressões pela União Soviética, Alemanha,

¹ Referência vista em www.adufes.com, consultada a última vez a 1 de julho de 2019.

² http://amusicaportuguesaagostardelapropria.org/videos/?_sf_s=gefacs

³ <https://www.memoriamedia.net/index.php/estorial-gefacs>

França, Luxemburgo, Bélgica, Inglaterra e Argélia), bem como gravações para algumas televisões europeias.



Fig. 1 – Capa do livro *Bico Bico Chão 50 anos de GEFAC*

1.2. A Etnografia e o GEFAC

A etnografia é, desde a fundação do grupo (que tem sido formado por gerações consecutivas de estudantes da Universidade de Coimbra), a sua âncora de conhecimento. Ao longo dos anos o GEFAC tem vindo a documentar-se nas áreas da dança, música e teatro popular, através de visitas periódicas ao universo rural, vivenciando-o, conhecendo-o *in loco* e fazendo recolhas, material depois trabalhado e transformado para o objetivo final – a performance em palco. Em 1970, após algumas Assembleias Gerais do organismo, foi criado um núcleo de estudos e a partir deste foram sendo feitas recolhas ao longo dos tempos por membros do organismo que se juntavam, utilizando material de vídeo e áudio em que o GEFAC foi investindo, a partir do seu entusiasmo e interesse pela cultura popular e o movimento de etnografia que se vinha a desenvolver através de nomes que a este influenciaram desde sempre. Esse material recolhido é muitas vezes utilizado nas criações dos seus espetáculos gerais e pode ser acedido no arquivo do GEFAC que se encontra no edifício da Associação Académica de Coimbra.

“Nasceu assim a pesquisa etnográfica, que começou a mudar a imagem dos nossos espetáculos. Criámos as célebres montagens que abriam e fechavam os nossos espetáculos, com música do Carlos Paredes e textos do Eduardo Gageiro e José Cardoso Pires. Sem nunca perder o ritmo do espetáculo, o GEFAC mostrava e explicava o sentido das danças folclóricas. Nas férias de verão, alguns sócios foram até Trás-os-Montes, de onde trouxeram as danças dos Pauliteiros e a primeira peça de Teatro Popular, que preenchia a 2ª parte do espetáculo. Daí para a frente, os elementos etnográficos de valorização dos nossos espetáculos não deixaram de se suceder, sem nunca deixarmos de ter o prazer de dançar, como continua a acontecer nos espetáculos atuais e nos nossos aniversários, depois de encher a pança.” (MONTEVERDE in GEFAC 2017: p. 114)

O coletivo tem vindo a preencher o seu acervo também com textos de teatro popular mirandês, uma vertente bastante presente nos seus espetáculos gerais, que conduziu à publicação, em cooperação com a Livraria Almedina, de dois volumes – *Teatro Popular Mirandês: Textos de Cariz Profano* (I) e *Textos de Cariz Religioso* (II). Estes dois volumes contribuíram para a divulgação da tradição do teatro tradicional português, sendo dignos de louvor por comporem uma das primeiras e maiores publicações nacionais exclusivamente dedicadas ao teatro popular de Miranda do Douro.

“[...] os textos de teatro popular mirandês aqui recolhidos e expostos, trazem, todos eles, em cada linha, a marca da paixão com que foram descobertos e acendem também, em cada linha, novas paixões para a sua representação. A sua fixação em texto escrito não é o momento final de um percurso, nem o objetivo último de uma investigação etnográfica, mas uma ponte de passagem para a sua única morada: as tábuas

do palco onde habitam o espanto e a alegria dos homens, na celebração crítica e simultaneamente festiva dos seus mitos, dos seus defeitos, dos seus sonhos, das suas memórias, de ideias, vícios e paixões, de vaidades e misérias, de esperanças amassadas na dor e de desconcertos virados ao contrário nas costuras descosidas no avesso do mundo.”⁴ (GEFAC 2003)

Este trabalho etnográfico é fortemente influenciado por alguns dos artistas, intelectuais e investigadores que marcaram o final dos anos 50 em Portugal como Fernando Lopes-Graça, Michel Giacometti, Ernesto Veiga de Oliveira, Adriano Correia de Oliveira, Zeca Afonso, José Mário Branco, entre outros.

As visitas etnográficas são consideradas imprescindíveis na experiência “gefaquiana” – ir para o campo, entrar em contacto com o mundo rural e as suas expressões é quase um ritual, um processo mágico que informa e enforma aquele que o vive. Por outro lado, o fruto dessa vivência é o material recolhido, que será transformado para fins de representação folclórica, criando uma contribuição para o processo de documentação do mundo rural e também para o processo de folclorização.



Fig. 2 – Capas dos vol. 1 e 2, *Teatro Popular Mirandês*, 2003 e 2005

⁴ Prefácio por João Maria André, <http://www.gefac.pt/outras-publicacoes/o-livro-teatro-popular-mirandes/volume-1-textos-de-cariz-profano/>

A tradição é encarada pelo grupo como uma ferramenta de transformação cultural e de rutura, onde o processo de pesquisa, que sustenta o seu próprio modelo de folclore, tem por trás uma intenção política de contestação, de intervenção no presente com vista a uma mudança social.

“Paradoxically, tradition was a factor of transformation and rupture, because it was through the combination of performative and ethnographic research that the GEFAC sustained its model of “serious” folklore, whose realization was subordinated to a political intentionality of contestation, having a transformative impact in the associative and student environment. The group is characterized by the integration of young people from different geographies, with a high degree of education and in the process of specialization in different fields of knowledge, and by the constant renewal of their associates, resulting from the study program itself. These characteristics make the studied institution a contingent ‘place’ of intersection and exchanges and not so much a circumscribed place.”⁵

No âmbito das recolhas, o GEFAC tem empreendido projetos para estas pesquisas e tem vindo a reunir um importante acervo a nível de trajes e acessórios tradicionais⁶, alguns já pouco visíveis nas manifestações tradicionais que ocorrem atualmente. O espetáculo geral “De Novo Mar”, onde colaborei como violinista, foi um dos espetáculos onde o GEFAC investigou e desenvolveu uma conceção artística baseada nos trajes das festas do Espírito Santo dos Açores, com a colaboração de Filipa Malva.

O GEFAC atualmente dispõe de um cancioneiro por si criado onde inclui canções e danças de Miranda do Douro, Minho, Beira Alta, Alentejo, Açores, Algarve e repertório de José Afonso. Aborda canções de trabalho, de labor agrícola, das festividades cíclicas, de amor, da natureza, contendo uma tendência para repertórios que terão tido funções claras no quotidiano passado – trabalhar, amar e embalar.

“Ó minha mãe dos trabalhos

Ó minha mãe dos trabalhos

Para quem trabalho eu, ó ai

Para quem trabalho eu

⁵ Pestana, Maria do Rosário e Silva, Julieta, 2016, *From knowledge to action: Recycling rural sounds to a sustainable urban society*. Poster apresentado no congresso “Encontro com a ciência e tecnologia em Portugal” organizado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

⁶ Esta recolha teve a sua primeira exposição aberta à comunidade de 26 de junho a 7 de julho de 1983 no Edifício Chiado em Coimbra, inserida na terceira edição das Jornadas de Cultura Popular

Trabalho mato o meu corpo

Trabalho mato o meu corpo

Não tenho nada de meu, ó ai

Não tenho nada de meu”⁷

O grupo aponta para uma estética musical urbana muito própria, onde através do seu laboratório cultural faz reciclagem de canções regionais. Em 2016, no seu 50º aniversário, foi possível observar esta dinâmica através de memórias em torno de repertórios mais antigos e também através de grupos formados por membros que têm e/ou tiveram ligação ao GEFAC: Brigada Victor Jara (1975), Segue-me à Capela (1999), Diabo a Sete (2003) e Macadame (2010).

1.3. Atividades formativas

Um dos principais objetivos das atividades formativas é fornecer à população de Coimbra, estudantil e não estudantil, a oportunidade de aprender, partilhar e praticar nos seus ensaios semanais as danças, música (tocata e cantata) e teatro de cariz tradicional. Os ensaios do grupo são o ponto de partida para a partilha de saberes, permitindo despertar e/ou fortalecer o interesse pelas manifestações tradicionais portuguesas.

Neste sentido, para além dos ensaios, o GEFAC tem também como um dos principais projetos a Escola de Música, desenvolvido por tocadores com conhecimento do repertório tradicional mais tocado pelo grupo e dos seus arranjos. Os instrumentos ensinados coincidem geralmente com os utilizados na tocata. Sendo o principal objetivo a formação de músicos na área da música tradicional portuguesa, esta Escola de Música, que tem o seu espaço na sala do GEFAC, no edifício da Associação Académica de Coimbra, disponibiliza aulas de gaita-de-fole, diversas flautas, cavaquinho, bandolim, guitarra clássica e sanfona.

As iniciativas formativas são para o GEFAC uma ferramenta de grande importância no que diz respeito à divulgação da cultura tradicional. Desta forma, a sua aprendizagem é aplicada na conceção dos

⁷ *Minha Mãe dos Trabalhos*, Canção da Beira Alta. Versos recolhidos e transcritos pelo GEFAC em trabalho de campo

espetáculos criativos, um dos objetivos anuais do grupo, onde diversas manifestações de *matriz rural* são evidenciadas pelo seu valor cultural e artístico.

Para além da Escola de Música e de espetáculos, têm vindo a ser realizadas pontualmente oficinas e workshops nos quais há uma procura de formar novos sócios e simultaneamente estreitar laços entre outras associações e entidades a nível nacional. No contexto da criação de um novo espetáculo geral, são convidados formadores especializados em diversas áreas de que os membros do GEFAC são os principais, mas não exclusivos, beneficiários, como foi o caso da formação de danças com Ana Silvestre, focada na Chamarrita (dança dos Açores).



Fig. 3 – Cartaz de divulgação da Escola de Música do GEFAC

1.4. História e contextualização das Jornadas de Cultura Popular

As Jornadas de Cultura Popular são a principal iniciativa do GEFAC, criadas em 1979, de periodicidade bienal. Começou por ser uma iniciativa globalizante, não temática, através da qual se procurou, por um lado, trazer a Coimbra espetáculos de grupos ligados à cultura tradicional portuguesa e, por outro, organizar exposições, colóquios e debates sobre temas variados, que contassem com a orientação ou presença de pessoas reconhecidamente versadas nas matérias tratadas. Desde a sua criação, que coincidiu com o 13º aniversário do grupo, um dos seus principais objetivos foi criar espaços de divulgação, discussão e reflexão. Essa abrangência acabou por se alargar na quinta edição (1987), quando pela primeira vez foi possível concretizar uma antiga aspiração: abrir as Jornadas a um âmbito internacional, incluindo na programação artistas e especialistas em cultura popular de outros países, com o objetivo da partilha e diálogo. Neste programa estiveram presentes artistas como Hermeto Pascoal (Brasil), Pablo Milanes (Cuba) e o “*etnócoreólogo e antropólogo da dança*”⁸ Giuseppe Michele Gala (Itália).

A intenção das Jornadas foi desde o início trazer ao público de Coimbra diversas dimensões da cultura popular, confrontando-o com formas ancestrais da sua cultura e identidade, e dando-lhe espaço para as conhecer (espetáculos, exposições) e debater (mesas-redondas e colóquios). Foi também combater o etnocentrismo provocado pelo mundo urbano, mostrando multiculturalidade e diálogo, tradição e criação juntas na mesma rota. Pelas ruas desfilavam grupos de gaitas e bombos, acompanhados de Caretos, provocando a curiosidade de quem passava. As praças e jardins da cidade recebiam feiras de artesanato e encontros de músicos.

Como nos diz Idalina Alves “Não prevalecia, nesta abordagem, nenhum sentido anacrónico ou nostálgico da dimensão cultural, mas a contínua afirmação atualizada dos padrões da cultura popular no seu contexto espacial e no seu tempo” (ALVES in GEFAC 2017: p. 165).

Apesar de terem mantido ao longo do tempo o mesmo formato, dentro de uma matriz inicial, fiel ao próprio GEFAC, as Jornadas foram sempre integrando nos seus sucessivos programas novas abordagens, conceitos e linguagens, novos diálogos inter-culturais, novas formas de olhar a tradição e a cultura popular.

A programação deste evento tem sido repartida ao longo das edições por vários espaços culturais da cidade – Praça Velha (atual Praça do Comércio), Praça da República, Teatro Sousa Bastos, Teatro Académico de Gil Vicente, Teatro da Cerca de São Bernardo, Edifício Chiado, Parque da Cidade, Jardim da Sereia, Café Santa Cruz, Convento de Santa Clara, Teatro Paulo Quintela, Auditório da Reitoria, Museu Machado de Castro, Nova Ágora, Centro de Recreio do Bairro Norton de Matos, Cooperativa de Música

⁸ Giuseppe Michele Gala, *Danza popolare e questioni storiche*, p. 272

de Coimbra, Teatro de Bolso do TEUC⁹ e outras salas da Associação Académica de Coimbra e ruas de Coimbra. Os frequentadores habituais destes espaços aderem à programação das Jornadas, envolvendo muito mais do que só a comunidade académica. Para além disso, ao longo dos anos esta produção do GEFAC foi criando um público próprio, como antigos membros “gefaquianos”, residentes ou não em Coimbra, corpo docente académico, participantes em outras atividades do grupo e especialistas/curiosos na área da cultura popular.

As VIII Jornadas de Cultura Popular, dedicadas a Michel Giacometti (1995), foram as primeiras assumidamente estruturadas em torno de um tema. Desde então já foram organizadas edições dedicadas aos temas d’“OS Povos e a Música” (1997), “Os territórios da dança” (2002), teatro popular (2005), “A Música Tradicional Portuguesa – Velhos Trilhos, Novos Rumos” (2007), “Ao encontro de Ernesto Veiga de Oliveira” (2010), “O corpo e a palavra” (2012), “Resistências – Em homenagem a Manuel Louzã Henriques” (2014) e “50 anos GEFAC” (2016).

Em 2010 realizou-se a edição das XIII Jornadas de onde resultou um dos mais importantes trabalhos deste coletivo: um documentário sobre uma viagem dos caminhos que Ernesto Veiga de Oliveira - sócio *honoris causa* do grupo – abriu: *Pelos Trilhos do Andarilho*. Neste ano comemorou-se o centenário do nascimento de Veiga de Oliveira e desta forma o GEFAC dedicou-lhe esta edição em homenagem, vendo assim uma oportunidade para recordar, evocando e exaltando a relevância da sua vida e obra na cultura tradicional portuguesa. Para a realização deste documentário foram feitas gravações em vídeo de entrevistas a discípulos, companheiros, tocadores que fizeram parte das suas recolhas, amigos e familiares.

A penúltima edição (2016) foi dedicada aos 50 anos da sua existência. Ao longo de todas as edições foi através de espetáculos originais que o GEFAC fez chegar ao público os saberes adquiridos. Desta forma, para além da presença dos artistas que têm passado por esta produção ao longo dos anos, o grupo tem criado paralelamente espetáculos próprios para partilhar não só coreografias, músicas e textos, mas também o saber popular que dá sentido e vida a essas manifestações. Dois destes espetáculos resultaram na edição de DVDs: “*A Água Dorme de Noite?*” (2006) e “*De Novo Mar*” (2018).

⁹ Teatro dos Estudantes de Coimbra (TEUC)

CAPÍTULO 2 – A reinterpretação da música tradicional em Portugal

Como aqui já referi, podemos enquadrar o surgimento do GEFAC por um lado no movimento de *folk revival* que nos anos 60 florescia pela Europa e Estados Unidos da América, e por outro na cultura de resistência à ditadura vigente. Este é um dos momentos de maior fertilidade criativa na aproximação à música popular (no seu sentido mais direto, da música do povo), com os trabalhos incontornáveis de nomes como José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Fernando Lopes-Graça, entre outros. A verdade é que ao longo do séc. XX e até hoje a música de raiz tradicional foi sendo constantemente recontextualizada e resignificada. Foram vários os fenómenos que deram corpo a essas mudanças. Desde logo a institucionalização do folclore em Portugal, ação levada a cabo pelo Estado Novo em finais dos anos 30 com o objetivo de regular política e esteticamente o folclore, e posta em prática por diversas entidades governamentais, entre as quais a FNAT, o SNI e as recém-criadas Casas do Povo. Esta intervenção ideológica arquitetada por António Ferro, então diretor do Secretariado da Propaganda Nacional do Governo de Salazar, pretende criar uma representação sonora e visual do país, de caráter ruralista e dividido em territórios demarcados (as então denominadas províncias), e ao mesmo tempo suprimir as expressões culturais operárias, alterando as referências utilizadas no espaço público, os convívios, a eliminação de símbolos, impondo o folclore como a nova estética do povo. A mobilização das populações para este desígnio irá dar origem à proliferação de ranchos, engrossando cada vez mais o chamado movimento folclórico (CASTELO-BRANCO e BRANCO 2003: p. 9), que ainda no presente mantém um forte dinamismo. Como em todos os momentos em que um governo pretende silenciar o pensamento independente, a resistência à formatação das práticas populares surgiu em várias frentes. A obra do compositor e maestro Fernando Lopes-Graça é prova disso, uma expressão da não submissão às imposições de regulação instauradas. Também as recolhas de terreno se transformam num ato de resistência política, chagando Michel Giacometti a ser vigiado várias vezes pela PIDE. O GEFAC surge também neste contexto de resistência à hegemonia do movimento folclórico e na senda da “verdadeira” cultura do povo.

Com a democracia essa harmonização à escala regional ou nacional deixa aos poucos de ser a referência principal, e diversificam-se as expressões derivadas da prática folclórica. Surgem cada vez mais grupos que recorrem à música tradicional como matéria prima de criação e apresentação ao público, os chamados GUR (Grupos Urbanos de Recriação), que já não invocam a pertença a um território específico e surgem maioritariamente em grandes centros urbanos, acompanhando os movimentos migratórios da população portuguesa, mas ainda assim remetendo para uma esfera rural e do passado (CASTELO-

BRANCO e BRANCO 2003: p. 17). Nestes grupos enquadram-se projetos como a Brigada Vitor Jara, criada em 1979 por antigos membros do GEFAC, e também outros projetos de recriação de música tradicional: Petrus Castrus (1971), Banda do Casaco (1974), GAC – Vozes na Luta (1974), Vitorino (1975), Júlio Pereira (1976), Almanaque (1979), Ronda dos Quatro Caminhos (1983), Disto & Daquilo (1983), entre outros. Em 1984 Fausto irá editar o seu disco duplo “Por este rio acima”, que irá marcar profundamente o panorama da criação musical partindo dos sons e ritmos da tradição portuguesa. Pelo mesmo filão seguirão Amélia Muge (“Música” 1992), Né Ladeiras (com o seu incontornável disco “Traz os Montes”, 1992), Quadrilha (“Contos de Fragas e Pragas” 1992), José Barros e Navegante (“Navegante” 1992), Gaiteiros de Lisboa (“Invasões Bárbaras” 1995), para além de muitos outros, incluindo a própria Brigada Vitor Jara, que edita “Monte Formoso” em 1989 e “Danças e Folias” em 1995. Dois outros projetos formados por antigos membros do GEFAC ganham vida na última década do século XX e início do séc. XXI: Realejo (1990), Segue-me à Capela (1999) e Diabo a Sete (2003).

Em meados dos anos 90 começa a configurar-se um novo movimento em torno da música e dança tradicionais. Pela mão de uma geração de jovens músicos e bailadores surgem associações, festivais, escolas de música e dança tradicional, movimentos de revivificação de instrumentos musicais e práticas tradicionais. Como nos dizem Salwa Castelo-Branco e Susana Fernandez *Trata-se de um fenómeno urbano, fomentado por uma maioria de pessoas com formação académica superior e uma perspetiva cosmopolita, informada por movimentos semelhantes a nível europeu, que procuram preservar e difundir as práticas musicais de raiz tradicional em Portugal, em alguns casos situando-as num quadro ibérico, europeu e até global.* (CASTELO-BRANCO e FERNANDEZ 2010, pág. 1383)

Protagonizam este movimento festivais como o Andanças, organizado pela Associação PédeXumbo, cuja primeira edição aconteceu em 1996, e que a cada edição anual foi influenciando o público, as práticas e os valores ligados a este movimento, promovendo ao mesmo tempo o surgimento de novos músicos, projetos musicais e até novos festivais e associações semelhantes; associações como a D’Orfeu, criada em 1995, em Águeda, e dedicada à formação, divulgação e programação de música tradicional e músicas do mundo, com uma abordagem inovadora e de alcance internacional; a APEDGF - Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita-de-foles, fundada em 1999 e sediada em Lisboa, responsável em grande medida pelo grande impulso no processo de revivificação deste aerofone; Associação Tocá Rufar, criada em 1999 e sediada no Seixal, com um trabalho de âmbito social muito relevante como escola e orquestra de bombos; o site At-Tambur, criado pelo grupo com o mesmo nome em 1999, que foi durante quase uma década um canal privilegiado de informação sobre o universo da música tradicional, folk e do mundo em Portugal; o Centro de Música Tradicional Sons da Terra, fundado em 2002 em Sendim, profícuo

divulgador da música das Terras de Miranda e organizador do Festival Intercéltico de Sendim e do Porto; o Festival Tocar de Ouvido, organizado pela já referida Associação PédeXumbo em parceria com diversas outras associações como a D'Orfeu e a APEDGF, que criou um modelo inovador de encontro entre músicos detentores de saber tradicional e público interessado nesse saber, criando sinergias que se têm mostrado muito transformadoras nesse campo; Festivais de músicas do mundo, como o já extinto Cantigas do Maio (Associação José Afonso, Seixal, entre 1989 e 2003), o Festim (D'Orfeu, desde 1999) e o FMM - Festival Músicas do Mundo (Câmara Municipal de Sines, desde 1999). O que torna toda esta dinâmica especial é o trabalho em rede entre si, com parcerias, co-programações e amizade criada entre associações e eventos, incluindo a nível internacional, e também entre os músicos que esta dinâmica tem gerado e tem chamado à música tradicional, muitos vindos até de outras áreas musicais, como o jazz e a música erudita. Encontram na tradição dinamismo e criatividade, um património que urge preservar, mas que não está fechado numa redoma de vidro. Ligando-se aos valores da ecologia, este movimento vê nas práticas tradicionais ferramentas úteis à vida em comunidade e nas danças e na música matéria-prima para criar e inovar, fugindo do que lhe é imposto pela sociedade de consumo, criando o seu próprio paradigma cultural. A música tradicional é submetida a uma nova releitura, mais livre e criativa, longe daquela feita pelo folclorismo. Novos projetos têm emergido deste “caldeirão”: Bailia (1995), Galandum Galundaina (1996), At-Tambur (1999), Gaitafolia (1999), Dazkarieh (1999), Mandrágora (1999), Uxu Kalhus (2000), Toques do Caramulo (2000), Monte Lunai (2002), Mu (2003), Roncos do Diabo (2006), No Mazurka Band (2008), Celina da Piedade (2012), Seiva (2015), Sebastião Antunes (2016), Luís Peixoto (2017), entre muitos outros.

São abordagens diversificadas e “desempoeiradas” à tradição musical portuguesa. O acesso online a recolhas, gravações, práticas musicais, trazem uma nova leveza e uma rapidez ao processo de aprendizagem, longe do peso dos tomos e do preciosismo dos arquivos. A MPAGDP - A música portuguesa a gostar dela própria -, com o seu projeto de arquivo sonoro e visual online, preconiza esta nova forma de lidar com a tradição, com os repertórios e com quem os sabe cantar e tocar. Tem-se revelado uma montra incrível da música que pulsa pelo país e também uma excelente fonte de aprendizagem e inspiração para músicos, educadores e público em geral.

CAPÍTULO 3 – O ESTÁGIO

3.1. Estágio e atividades realizadas

O meu estágio de Mestrado no GEFAC decorreu oficialmente entre 1 de dezembro e 31 de março de 2018. Apesar disso, após esta data continuei a colaborar na produção das Jornadas de Cultura Popular, sensivelmente até ao final de abril. Como referi na introdução, a minha ligação ao grupo como sócia e violinista da Tocata iniciou-se em 2017, e o meu envolvimento prático, para além do emocional, excedeu naturalmente o âmbito do estágio.

O meu orientador dentro da instituição foi o Vítor Rodrigues, membro da Comissão das Jornadas.

No que toca às tarefas atribuídas, foram bastante abrangentes, tocando todas as áreas referentes às Jornadas, desde o apoio à programação, à divulgação, passando pela angariação de apoios, bilheteira e as mais variadas questões de produção. Fui integrada na Comissão das Jornadas (sendo que desde o início do ano letivo já fazia parte da Direção do GEFAC, como Secretária), com a qual tive uma primeira reunião onde me foi possível compreender melhor o que iria ser feito ao longo do meu estágio.

No decorrer de uma reunião inicial com a comissão das Jornadas foram esclarecidas as ideias já trabalhadas pelo grupo em reuniões anteriores à minha participação e estabelecidos os objetivos a atingir de uma forma geral, assim como as tarefas a desempenhar, onde foi possível compreender melhor o que iria ser feito ao longo do meu estágio. Nesta fase já era claro o interesse do grupo por trabalhar uma programação sobre a temática das mulheres, após reuniões realizadas com vários antigos membros e amigos do GEFAC com conhecimento na área, nomeadamente os investigadores Domingos Morais, Manuel Louzã Henriques e Maria do Rosário Pestana.

O meu primeiro dia de estágio, 1 de dezembro de 2018, teve início na sala do GEFAC no edifício da Associação Académica de Coimbra e foi-me apresentado o primeiro esboço do que viria a ser o formato das Jornadas com influência de edições anteriores: concertos, colóquios, passeio etnográfico e sessões de contos, sendo este último ponto uma novidade na história das Jornadas. Não fiquei surpreendida com o entusiasmo de toda a comissão para sonhar e produzir este evento, pois o GEFAC é constituído por gente que se cativa constantemente pela cultura popular e assim soube desde logo que viria muito trabalho, mas também muito conhecimento.

Para além da produção e programação das Jornadas de Cultura Popular participei como violinista no novo espetáculo geral que iria ser estreado na sua programação – *“De Lá Para Cá: Cantando e Andando”* – no

Teatro da Cerca de São Bernardo, sendo este um espaço comum nas apresentações de espetáculos do GEFAC. A construção deste espetáculo foi iniciada na primeira semana do meu estágio e foi desde logo apresentada uma ideia geral de qual iria ser o repertório a trabalhar, onde a sua conceção nasce de histórias e saberes organizados e dirigidos por uma direção artística e um ensaiador. Ao longo deste processo foram integradas diferentes vertentes artísticas: música, teatro e a mimetização de saberes populares através do uso de recolhas em vídeo, com o objetivo de conceber um ambiente criativo à volta da etnografia. Esta conceção foi fruto de um processo de investigação e reflexão a partir de recolhas dos arquivos de Domingos Morais, Michel Giacometti e Tiago Pereira, que trilharam de especial modo os caminhos das polifonias e da transmissão oral da cultura popular portuguesa.

O papel da mulher foi, tal como em toda a temática das XVII Jornadas, o foco principal deste espetáculo. Dentro do material recolhido, foram escolhidas canções que o grupo dividiu por oito secções, sendo que cada poderia enquadrar-se em mais do que uma: maternidade, espiritualidade, trabalho, amor, festa, submissão, revolta e emancipação. O alinhamento foi esquematizado numa tabela com a seguinte sequência: *Aboio* (excerto, Beira Alta), *Tia Baptista* (Beira Alta), *Senhora do Almortão* (Beira Baixa), *Oh prima vamos prá ceifa* (Dão-Lafões), *Moda dos braços* (Açores), *Canto de S. João* (Minho), *Canção de berço* (Beira Baixa), *Encomendação das almas* (Dão-Lafões), *Senhora do Alívio* (excerto, Minho), *Cantiga de Malhadas* (Minho), *Pelo toque da viola* (Alentejo), *Moda da esposada* (Beira Baixa), *Luar da meia noite* (excerto, Dão-Lafões), *Cantar à meia noite* (Açores), *D. Varão* (Algarve), *Já são horas da merenda* (Alentejo), *Cantiga do entrudo* (Beira Baixa), *Ó meu São João Baptista* (Beira Baixa), *Regresso das segadas* (excerto, Trás-os-Montes), *Durme* (sefardita), *Vareira* (excerto, Minho), *Alvorada* (Açores), *Alvissaras* (Beira Alta), *Arvoredo fechado* (excerto, Beira Baixa), *Penteei o meu cabelo* (Alentejo) e *Costureira* (Minho). Foram utilizados alguns excertos de recolhas que acabaram por ser projetados num ciclorama, selecionados a partir de recolhas em vídeo de Giacometti a que o grupo acedeu a partir da sua *Filmografia Completa*, uma edição da *Tradisom*¹⁰ que inclui histórias documentadas na série “Povo que Canta”, série esta produzida e exibida pela RTP entre 1970 e 1974, com realização de Alfredo Tropa. O elenco deste espetáculo dividiu-se em dois grupos: tocata e cantata. Da cantata fizeram parte homens e mulheres que interpretaram vocalmente as melodias polifónicas do repertório e tiveram um papel cénico, movimentando-se em grupos pelo palco em constante mudança, acompanhados das projeções das recolhas usadas. A tocata, fixa ao fundo do palco e coberta pelo ciclorama, acompanhou as vozes e também as recolhas usadas. Composta por percussão (desempenhada por quatro percussionistas), flauta

¹⁰ Editora portuguesa criada para captar e divulgar tradições musicais portuguesas

de bisel tenor, baixo elétrico, guitarra elétrica, guitarra clássica, viola braguesa, cavaquinho, bandolim e violino. Os figurinos do elenco variaram entre as cores vermelha, amarela, verde e azul, nas suas blusas, *jeans* e pés descalços.

Ao longo deste trabalho de pesquisa e conceção artística percebi que um dos principais objetivos da realização de um novo espetáculo geral seria a divulgação de repertório cantado pelo povo e de recolhas feitas que, cada vez mais, são de fácil acesso. Foi a partir de todo este trabalho que se estreou no palco do Teatro da Cerca de São Bernardo o espetáculo *De Lá Para Cá: Cantando e Andando*, apoiado e inserido na Semana Cultural da Universidade de Coimbra (16 e 17 de março), tendo esgotado a sala nos dois dias. Para além da Semana Cultural da Universidade de Coimbra resultaram apoios de várias instituições através de contactos estabelecidos que foram levados a cabo ao longo dos meses em que foi sendo feita a escolha e programação dos artistas. Desses, efetivou-se o apoio por parte de estruturas culturais da cidade e outras entidades de diversos. Este trabalho de procura de apoio material e financeiro resultou de contactos estabelecidos em que, em reuniões com a comissão organizadora, foram distribuídos contactos a estabelecer por parte de cada membro da comissão de forma a angariar o máximo de apoios.

Ao longo das reuniões percebemos que era necessário esboçar um cronograma para que assim, à medida que se fosse tendo confirmações dos artistas e oradores convidados, fosse possível delinear o que viria a ser o programa desta edição incluindo os espaços disponíveis e os respetivos apoios. Foi criado um documento online partilhado por todos os membros no *Google Drive*. Esta foi uma forma prática de trabalhar que facilitou o facto de toda a comissão estar a par das tarefas que cada membro ia realizando e a cada reunião seguinte fosse possível colocar as questões certas para o fluxo do trabalho.

As minhas atividades como estagiária acompanharam todo o processo de produção e programação das Jornadas, que compreende a realização de contactos com artistas e possíveis estratégias de orçamentos, angariação e gestão de apoios, espaços recetivos à programação, tarefas de divulgação, montagens logísticas e venda de bilhetes.

3.1.1 Produção e programação: casos observados

Para complementar a minha experiência no âmbito deste estágio, em que cumpri funções na área da programação e da produção cultural, fiz por estar presente noutros eventos dentro das mesmas temáticas ou com características próximas às Jornadas de Cultura do GEFAC. Procurei por um lado observar os métodos de produção - divulgação, resposta às necessidades técnicas, gestão de recursos, organização do espaço e do público - e por outro encontrar artistas ou projetos artísticos que fizesse sentido propor à programação das Jornadas.

O meu interesse na área da programação e produção de eventos musicais vem já de experiências anteriores como colaboradora em diversas atividades e espaços culturais, dos quais saliento:

- Produção na II Feira da Música da Associação de Músicos de Beja (2015)
- Programação e dinamização do Espaço Galeria do Desassossego, em Beja (2015 e 2016)
- Santa Maria Summer Fest, em Beja (2017)
- Assistente de Sala no TAGV - Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra (2017 e 2018)

Apesar deste meu percurso, esta foi a primeira vez que estive envolvida em algo com um cartaz totalmente dedicado à música tradicional/*folk* e sob a temática feminina. Achei importante fazer presencialmente alguma prospeção de conteúdos para a programação e também ver por perto outras manifestações culturais do meio *folk* em formato de festival, assim como dentro da temática feminina. Estive então presente no *Festival Aniversário dos 20 Anos da PédeXumbo* (23 a 25 de novembro 2018, Évora), *Festival Entrudanças* (1 a 3 de março 2019, Entradas, Castro Verde), *Festival Daquelas que cantan* (21 e 22 junho 2019, Mos, Pontevedra, Galiza).

O *Festival Aniversário dos 20 Anos da Pédexumbo* e o *Festival Entrudanças* são ambos organizados pela Associação PédeXumbo – Associação para a Promoção da Música e Dança (PX) -, cuja face mais visível é o grande festival *Andanças*, que acontece anualmente há mais de 20 anos. A programação é inspirada no mesmo formato de programa e espírito do *Andanças*: oficinas de dança e atividades paralelas para todos os públicos durante o dia e concertos/bailes à noite. No caso do *Festival Aniversário dos 20 Anos da Pédexumbo* tratou-se de uma edição única, celebrando as duas décadas de existência da Associação. Um fim-de-semana de oficinas de dança, oficinas paralelas, concertos e bailes *folk*, em vinte diferentes locais da cidade de Évora (teatros, sociedades recreativas, igrejas, biblioteca, livrarias, outros espaços culturais, incluindo o próprio espaço da Associação, os antigos Celeiros da EPAC). Mostrou-se um festival com uma logística pesada, onde foi necessário estar cada um dos vinte diferentes locais preparados à hora certa

para receber a respetiva atividade - com cenário montado, material de som, mobiliário necessário, controlo de bilhetes e entradas. A diversidade de espaços trouxe uma dinâmica muito interessante, sobretudo para o público (com lotação esgotada!), que assim percorreram a cidade e conheceram diferentes salas, muitas vezes com as suas funções habituais subvertidas (por exemplo um baile na sala de leitura da biblioteca, ou um baile em cima do palco do Teatro Garcia de Resende). Encontrei nesta dinâmica algumas semelhanças com as Jornadas, por também percorrer diversas salas de espetáculo e outros espaços de cultura da cidade de Coimbra. Quanto ao *Festival Entrudanças*, interessou-me sobretudo pela sua ligação à comunidade. Acontece anualmente no fim-de-semana de Carnaval, na vila de Entradas (concelho de Castro Verde), e a sua maior marca é o envolvimento da população local na organização das atividades - desde a criação de uma cantina e tabernas improvisadas para receber os participantes, decoração das ruas e dos espaços, até ao desenvolvimento de projetos de âmbito educativo com o público escolar nos meses que precedem o festival. A programação, como referi acima, tem um formato-tipo que a Associação PédeXumbo foi buscar ao Andanças - várias oficinas durante o dia, de dança, de música (por exemplo de instrumento, ou de cante alentejano) e também paralelas (por exemplo artesanato), concertos e bailes ao entardecer e pela noite fora. Nesta edição pude observar um grande equilíbrio e interação entre os locais e os participantes “forasteiros”, um público que em grande medida tem o mesmo perfil daquele que frequenta outros eventos de danças *folk*. Do que me foi dado a perceber, o programa em Entradas tem contado cada vez mais com atividades ligadas à cultura local, como oficinas e concertos de Cante Alentejano, oficinas e bailes de danças do Alentejo, oficinas de culinária, passeios de trator, contadores de histórias, entre outras, para além da gastronomia local, cada vez mais presente. O entretanto criado Museu da Ruralidade – núcleo da oralidade – passou também a disponibilizar o seu espaço para algumas atividades do festival, contribuindo para um enquadramento ainda maior dos participantes na realidade local.

Por último, o *Festival Daquelas que cantan*, o único fora de Portugal e que aconteceu já após as Jornadas. Foi também o único a que assisti com uma programação exclusivamente de temática feminina. Neste estive como participante, mas também como artista convidada. Esta foi a sua primeira edição e foi criado pela cantora galega Uxía e organizado pela sua empresa de produção *Da Madriña*, na sua terra natal. A Uxía pertence a uma família de mulheres cantadeiras, incluindo a sua mãe e todas as suas irmãs. De certa forma foram elas o mote do Festival, com o seu grupo “Malvela” a fazer de anfitrião. Tive a oportunidade de acompanhar a organização nos dias que antecederam o evento, e assim encontrar paralelismos e pontos de reflexão com as Jornadas. Toda a programação aconteceu no Pazo de Mos, no concelho de Pontevedra, Galiza, e contou com oficinas de Cante Alentejano, canto tradicional brasileiro, uma palestra

com Tiago Pereira (*d'A Música Portuguesa A Gostar Dela Própria*) e com concertos à noite: Malvela (Galiza), Arume (Galiza), Zaragateiras (Galiza), Ergutio (Galiza), Uxía (Galiza), Celina da Piedade (Portugal) e Kátya Teixeira (Brasil), tudo vozes de mulheres vindas da lusofonia.

Sem dúvida que estas situações observadas foram estimulantes para o meu empenho no estágio e também para o meu envolvimento no universo da música tradicional/*folk* portuguesa e galega, assim como nas atuais discussões sobre música e género, tão na ordem do dia mas com tanto ainda por explorar.

3.1.2. Escolha do tema e programação da XVII edição das Jornadas de Cultura Popular

Sendo o propósito das Jornadas a reflexão e celebração da cultura popular, o papel da mulher deu o mote à sua XVII edição – “Ofícios, Cantos e Contos: A Mulher e a Cultura Popular” - procurando desta forma compreender em que medida, atualmente, a mulher influencia ainda as diferentes manifestações da cultura do povo. Em reuniões com a comissão organizadora percebi desde logo as principais questões que motivaram a escolha do tema: quais os contributos das profissões eminentemente femininas para a transmissão oral e qual o papel da mulher na preservação e transformação desse espólio musical. O papel da mulher no contexto social, familiar, social, religioso, profano e do trabalho é-nos dado a conhecer através de canções por muitos registadas, como é o caso das que o grupo interpretou, com arranjos próprios, no seu espetáculo geral (*De Lá Para Cá: Cantando e Andando*). A tradição oral foi, desde sempre, a grande inspiração para as criações artísticas do GEFAC e pela primeira vez o papel da mulher foi o seu ponto de partida. Desta forma, compreendemos que a importância da presença da mulher na tradição oral justificou o início das Jornadas no Dia Internacional da Mulher (8 de março), com uma *Matinée* por Nuno Miguel Neves e continuação de uma programação focada nos cantos polifónicos no feminino, que se estendeu até dia 5 de abril.

A programação dividiu-se em 7 partes: ciclo de concertos, colóquio, fim-de-semana etnográfico, mesa redonda, estreia do novo espetáculo do GEFAC, ciclo de oficinas e sessões de contos para crianças. Para o ciclo de concertos procurámos grupos que atualmente recriassem expressões musicais populares, com destaque para o canto polifónico, de diferentes regiões. Com base nesta pesquisa, através de meios de comunicação que reportam a nomes de artistas da atualidade, contactos de outras edições das Jornadas

e contactos pessoais, a programação conseguiu ter então a participação de três grupos em três datas diferentes.

As XVII Jornadas de Cultura Popular tiveram o seu início no dia 8 de março pelas 17h, em parceria com a Casa das Artes Bissaya Barreto, através da cedência do espaço. Nuno Miguel Neves abriu esta edição com músicas tradicionais e populares diversas não só alusivas ao tema desta edição como também ao Dia Internacional da Mulher. Esta matinée foi transmitida em direto nas plataformas digitais da Casa das Artes Bissaya Barreto e da Rádio Baixa. Passaram pela Casa das Artes cerca de 100 pessoas, tendo sido a atividade de entrada livre. Para concretizar esta atividade contactamos previamente Nuno Miguel Esteves para a sua presença nesta edição, que ofereceu o seu trabalho, dispensando o cachet. Em contrapartida o organismo decidiu pagar as suas deslocações e oferecer-lhe uma edição do seu “Bico Bico Chão 50 Anos de GEFAC”. Relativamente ao espaço, contactámos o diretor da Casa das Artes, Alexandre Lemos, com quem anteriormente já teriam sido realizadas parcerias (por exemplo na exposição “Viver Assim”¹¹, em 2010). A utilização deste espaço não teve qualquer custo e a Casa das Artes ficou com o lucro do bar. Desta forma, penso que este seria um espaço para eventos/parcerias futuras. Este primeiro evento foi também eficaz na divulgação do programa das Jornadas, o que se fez sentir nos eventos seguintes.

Ainda no dia 8 de março e a propósito da celebração do Dia Internacional da Mulher, o programa Serões Inquietos da TSF – Rádio Notícias foi emitido em direto a partir da sala do GEFAC, no Edifício da AAC, pelas 21h. Contou com a presença de antigos e atuais sócios do organismo que, tomando como ponto de partida as XVII Jornadas de Cultura Popular, falaram sobre o GEFAC, a sua história e atividade e a relação deste evento com as celebrações do Dia da Mulher. O programa contou ainda com alguns momentos musicais em direto ao longo da emissão, por alguns membros da Tocata e Cantata que interpretaram peças musicais que estavam a ser preparadas para o novo espetáculo geral – “De Lá Para Cá: Cantando e Andando” - a ser estreado nesta programação. A convite da TSF – Rádio Notícias e do GEFAC, Fausto da Silva participou também nesta emissão em representação da Rádio Universidade de Coimbra (RUC), onde, também a pretexto do 33º aniversário desta rádio universitária, falou da história e atividade da mesma e da sua relação com o GEFAC e outros organismos culturais da cidade. Na sequência da sua participação, Fausto da Silva (locutor do programa “Santos da Casa”), ofereceu-se para a realização de um programa especial em moldes semelhantes, na próxima edição das Jornadas.

¹¹ https://www.youtube.com/watch?v=7aRF7ZqbxTU&feature=emb_logo, vídeo sobre a exposição “Viver Assim”, 2010

O primeiro concerto, inaugurando assim as XVII Jornadas, foi de Celina da Piedade e As Ceifeiras de Pias no Auditório do Conservatório de Música de Coimbra. Para este concerto foi apresentado um desafio aos dois grupos: que se reunissem e colaborassem em forma de residência artística, com a finalidade de criarem um espetáculo especial para as Jornadas. O resultado foi um concerto constituído por duas atuações e terminou com a colaboração entre os dois grupos em cinco temas.

O segundo concerto realizou-se no dia 30 de março na Igreja da Santa Casa da Misericórdia com as Vozes de Manhouce e Cantadeiras de Vale do Neiva, dois grupos com os quais o GEFAC já traçara laços desde as primeiras edições das Jornadas e nunca teve a possibilidade de os juntar num mesmo momento. O primeiro grupo, proveniente da região da Beira Alta, e o segundo com cantares polifónicos do Minho, provenientes das antigas Terras do Neiva.

O terceiro e último concerto, no dia 5 de abril no Teatro Académico de Gil Vicente, contou com Xabier Diaz e As Adufeiras de Salitre - um grupo contemporâneo da música galega que reúne vozes, polifonias, pandeiretas, adufes, canções e ritmos tradicionais, que enaltecem a tradição oral ibérica, sendo um ícone conhecido nos meios de comunicação e várias programações internacionais.

Um dos momentos mais importantes para o grupo como um coletivo foi o novo espetáculo geral, criado no âmbito desta edição. Teve como base de trabalho a pesquisa efetuada ao longo dos anos e a reflexão e criação coletiva para esta estreia, onde foi selecionado um repertório polifónico dedicado aos cantares no feminino. Deste trabalho coletivo resultou o *De Lá Para Cá: Cantando e Andando*. Para além de estar inserido na programação das Jornadas esta atividade foi realizada também no âmbito da Semana Cultural da Universidade de Coimbra, nos dias 16 e 17 de março no Teatro da Cerca de São Bernardo.

A primeira de duas atividades dedicadas ao público infantil, uma novidade na história das jornadas e que concretizou um dos principais objetivos do organismo, foi dedicada aos contos. Esta oficina foi dirigida por Thomas Bakk no dia 9 de março pelas 11h, na Casa das Artes Bissaya Barreto, consistindo na partilha da arte milenar de contar histórias. Através de técnicas de expressão narrativa, o contador de histórias sensibilizou cerca de 20 pessoas, entre pais, crianças e outros curiosos.

A segunda atividade dedicada ao público infantil foi o espetáculo “Comboio dos Ventos”, concerto em dueto com a compositora e intérprete galega María Villanueva e Vânia Couto, apresentado pela primeira vez em Coimbra e inserido na programação dos “Sábados para a Infância” no Teatro da Cerca de São Bernardo. Ocorreu no dia 16 de março pelas 11h e foi dedicado sobretudo ao público dos 3 aos 12 anos. Embarcou numa pequena odisséia através da viagem com instrumentos musicais e histórias de todo o

mundo, alternando entre o tradicional e o erudito, canções e contos, música ao vivo e performance teatral, levanto as crianças de corpo e alma a outros lugares a outras formas de pensar, apresentando assim a música como exemplo de uma linguagem multicultural.

A Mesa Redonda *Cartografia do canto e vozes: cantadeiras, práticas e repertórios*, realizou-se em colaboração com o projeto “Do Canto a Vozes” do INET-md (Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Universidade de Aveiro). Contou com a participação dos investigadores Domingos Morais, Maria do Rosário Pestana, Helena Marinho, Julieta Silva, António Ventura e Jorge Graça que se deslocaram até ao Ateneu de Coimbra, no dia 14 de março pelas 18h30, para conversar sobre o desenvolvimento dos seus trabalhos de investigação no âmbito do referido projeto.

O colóquio, realizado no dia 30 de março no Ateneu de Coimbra, contou com três painéis: 1. Ofícios; 2. Cantos; 3. Contos. À semelhança de edições anteriores, uma das principais atividades da programação das Jornadas passou pela realização de um colóquio. O objetivo desta edição passou pelo desejo de programar um espaço de partilha, diálogo e reflexão acerca do papel da mulher como fonte de saber e como veículo de transmissão do conhecimento e cultura populares – dois pontos que estão profundamente relacionados com o caminho que se tem vindo a desbravar no plano rural e urbano que vem construindo e transformando a imagem do feminino ao longo da história da sociedade portuguesa até aos dias de hoje. A primeira conversa, que aconteceu na parte da manhã, teve a participação de Ana Paula Guimarães, Emília Nogueiro e Sónia Ferreira, com a moderação de Catarina Alves (antiga sócia do GEFAC), onde se falou do papel da mulher no quotidiano e da sua presença na cultura popular ao longo dos tempos. A segunda conversa, na parte da tarde, dedicada aos Cantos, contou com a presença de Ana Azevedo (em representação de Grupo de Cantares Tradicionais As Mulheres do Minho), Dulce Simões, Paulo Pereira e Maria do Rosário Pestana com moderação de Margarida Silva (membro do grupo CRAMOL). Nesta sessão foram discutidas questões relacionadas com os cantos das Lavradeiras Minhotas, a relação das mulheres e o Cante Alentejano – os seus processos, práticas e imaginários futuros, o papel da etnografia e, ainda, as polifonias de Lafões. O evento terminou com a comemoração e reconhecimento da passagem de Domingos Morais e Ana Paula Guimarães a Sócios Honorários do GEFAC, uma decisão aprovada por todos os membros ativos no GEFAC em Assembleia Geral de Sócios.

No fim-de-semana de 23 e 24 de março realizou-se o passeio etnográfico *O Baixo, o Raso e o Riba*, com atividades nos concelhos de Aveiro e Viseu, organizado com o objetivo de promover o contacto com grupos de cantares polifónicos da zona de Lafões: o grupo de Pindelo dos Milagres, o grupo de São João da Serra, o grupo de Arões, o grupo de Santa Cruz e o grupo de Vermilhas. Além desses encontros, houve

ainda um passeio pelo Bioparque de Carvalhais integrado no programa do passeio com a orientação do biólogo local Paulo Pereira, também conhecido pelo seu trabalho levado a cabo na divulgação e promoção da cultura popular. Este passeio etnográfico contou ainda, no dia 23, com uma apresentação da Tocata e Cantata do GEFAC com o espetáculo *O Canto dos Dias*, que animou a noite no Salão Paroquial de Carvalhais, no âmbito da atividade local *Trad'ação*.

3.1.3. Comunicação, divulgação e receção do público

O ponto que desde logo se resolveu no primeiro mês do meu estágio foi o de definir a identidade gráfica para estas Jornadas, onde surgiram dois nomes: Ana Rodrigues (Beja) e Joana Teles Monteiro (Coimbra). Devido à proximidade foi decidido que seria mais vantajoso trabalhar com alguém que fosse possível reunir sempre que necessário e por isso, por uma questão logística, o trabalho gráfico de divulgação ficou a cargo de Joana Teles Monteiro. Esta designer criou todo o material gráfico desta edição: cartazes gerais, cartazes individuais dos concertos, flyers e conteúdo gráfico para as redes sociais (*Facebook e Instagram*). A impressão desse material realizou-se em parceria com o Sindicato de Professores da Região Centro. A distribuição de todo o material de divulgação (cartazes e flyers) ficou a cargo de todos os membros do GEFAC. A Câmara Municipal de Coimbra cedeu para divulgação do evento um circuito de *muppies*, fazendo com que a programação das Jornadas estivesse exposta em locais estratégicos e privilegiados da cidade, durante toda a edição.

No seguimento dos contactos estabelecidos, alguns descritos ao longo do meu relatório, a divulgação das XVII Jornadas contou com a parceria entre o GEFAC e a Antena 1, uma parceria oficial de divulgação deste evento, e com a RUC (Rádio da Universidade de Coimbra). No sentido de fazer chegar a programação junto de toda a comunidade académica foi estabelecida uma parceria com o jornal A Cabra e com a ESEC TV, com emissão às segundas e sextas-feiras na RTP2, alargando assim o nosso público alvo.

A estratégia de divulgação contou ainda com um especial investimento nas redes sociais digitais como o site oficial do GEFAC, Facebook e Instagram, que se concretizaram pela utilização de promoções pagas dos eventos do nosso programa, entre outras ferramentas de divulgação disponíveis gratuitamente nestas plataformas. Ao longo desta edição, foram enviados comunicados e notas de imprensa para diversos órgãos de comunicação como Notícias UC, Notícias de Coimbra, Colectiva.pt, Diário de Notícias, O Despertar, IELT, INET-md, Viral Agenda, Esquerda.net, revista SÁBADO, APA (Associação Portuguesa de Antropologia), Jornal Online Tornado e respetivas agendas dos espaços envolvidos.

Para além destas estratégias, o GEFAC utiliza um canal de comunicação e divulgação interna (mailing list), que inclui não só os atuais sócios inscritos, como também antigos sócios e amigos do GEFAC, fazendo-lhes chegar a informação sobre as atividades do organismo. Esta ferramenta foi bastante eficaz, apesar de se ter refletido mais no número de espetadores presentes nos dois espetáculos do grupo e menos nos restantes concertos, o que resultou em prejuízo para as Jornadas.

3.1.4. Parceiros associados e apoios

Na fase preparatória do evento, foram realizados contactos institucionais através de candidaturas a financiamento e delas resultaram apoios financeiros por parte da Universidade de Coimbra (UC), Semana Cultural da UC, Câmara Municipal de Coimbra, Fundação INATEL, Município de Oliveira de Frades e IPDJ. Outros estabeleceram-se ao nível da divulgação com a Rádio Universidade de Coimbra (RUC), Sindicato de Professores da Região Centro (SPRC), Antena 1 – parceria oficial de comunicação e divulgação desta edição das Jornadas. Outros pedidos de apoio, como material e financeiro, foram levados a cabo. Desses resultou o apoio por parte de estruturas culturais da cidade como o Teatro da Cerca de São Bernardo, Ateneu de Coimbra, A Escola da Noite e de outras entidades de diversos âmbitos como a Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, Associação Turística e Agrícola da Serra da Arada, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md), Instituto de Literatura e Tradição (IELT). Entidades de âmbito empresarial como a EFAPEL, restaurante O Trovador, Viola Lda. e Brás Unipessoal (estas duas últimas empresas de familiares de membros da comissão organizadora), que apoiaram diretamente atividades específicas das Jornadas, através da transferência de apoios monetários para a sua realização.

Foram criados vários escalões de patrocínios (X dinheiro correspondia a Y divulgação no nosso material) mas maior parte das empresas recusou ou não respondeu, como foi o caso da Fundação Calouste Gulbenkian que, pela primeira vez, deu um parecer negativo, Fundação Montepio, Fundação José Saramago, Casa do Alentejo, Xuventude de Galicia – Centro Galego de Lisboa e Câmaras Municipais dos respetivos grupos musicais. Porém conseguimos o apoio da EFAPEL, Viola Lda. e Brás Unipessoal. Desta forma, num balanço final, a comissão considerou ter criado um orçamento esperando receber grande parte dos apoios o que acabou por provocar algumas dificuldades ao organismo. Para suprimir esta falha, a comissão criou bilhetes gerais que incluía os quatro concertos e aplicou descontos para estudantes,

maiores de 25. menores de 65, comunidade da Universidade de Coimbra, sócios do SPRC e do GEFAC, grupos com mais de 10 pessoas e desempregados.

CONCLUSÃO E BALANÇO CRÍTICO

O GEFAC representa um caso único em Portugal no período em que enceta a sua ação, de âmbito coletivo, levada a cabo por jovens politicamente insatisfeitos, armados culturalmente para a mudança social que procuravam e fortemente influenciados pelo movimento revivalista internacional onde se inserem. A importância e peso do seu próprio percurso e história imprime de forma cíclica nos novos integrantes - que se renovam constantemente - um sentido de missão e de “obrigação” de perpetuarem a senda cultural do grupo, sempre próxima dos valores dos primeiros tempos, pelo menos no plano conceptual. Confere-lhes também um certo direito ao orgulho de fazerem parte de uma entidade com relevância no panorama da “cultura popular” e ainda hoje contra-corrente, porque tal como há cinquenta anos, esta continua a ser um caminho válido de oposição à sociedade de consumo e à cultura *mainstream*.

Fazer parte do GEFAC significou também para muitas das centenas de pessoas que por lá passaram o primeiro contacto com a música tradicional, com as danças, com o teatro popular, com essas linguagens de “matriz rural” (Pestana 2009), e para outras foi também uma incubadora de novos projetos, nomeadamente grupos musicais. Para mim, com exceção do Cante Alentejano, constituiu a primeira abordagem a reportórios regionais e durante os três anos em que fiz parte da tocata, como violinista, foi de facto uma verdadeira escola de cultura popular.

O panorama musical em Portugal - tal como o político - mudou bastante desde que o GEFAC começou a procurar o *enobrecimento da identidade portuguesa através da cultura tradicional* (GEFAC 2017). Podemos dizer que mudou meio século! E também a própria Universidade de Coimbra mudou profundamente, da mesma forma como o perfil de alunos que procuram participar na experiência deste grupo já é mais diversificado. Nos últimos anos o interesse demonstrado, por exemplo, por alunos do Programa ERASMUS na atividade do GEFAC tem trazido ao grupo multiculturalidade e pluralidade de posicionamentos quanto ao trabalho levado a cabo. Para estes alunos estrangeiros o grupo é uma porta de entrada para a cultura portuguesa, e muitas vezes até para a língua portuguesa (e língua mirandesa), colocando novos desafios à estrutura e às metodologias de criação. Dos desafios futuros do GEFAC, penso que este será um dos mais claros a trabalhar.

Outras mudanças aconteceram no panorama da música *folk* e das danças tradicionais em Portugal nos últimos vinte anos, com o surgimento de diversos movimentos e ações revivalistas/revitalistas: o movimento de danças *folk* germinado pelo Festival Andanças (Fonseca 2006), com um lastro já de âmbito internacional; a revitalização da Gaita-de-fole em várias regiões do país (FERNANDEZ 2008), incluindo em

Lisboa; a criação de um novo paradigma de relação com os instrumentos e repertórios tradicionais encetado pelos Encontros de Tocadores (Pestana 2009); a revitalização da viola campaniça (Barriga 2003); a patrimonialização do Cante Alentejano (Pestana e Oliveira 2017); a mudança de paradigmas no acesso a recolhas - de que o projeto “A Música Portuguesa A Gostar Dela Própria” é o exemplo mais visível. Estes são só alguns exemplos de grandes alterações no panorama da música tradicional portuguesa, que pude em parte conhecer pelo meu trabalho como música, e também pela participação (e observação) em diferentes festivais de música e dança *folk* ao longo deste último ano letivo.

O trabalho do GEFAC, nos tempos de hoje, tem em conta também todas estas mudanças, e tenta acompanhar as práticas atuais, que rumam quase todas elas a uma “desfolclorização” (Tércio 2006). Este é já e continuará a ser um grande desafio colocado ao grupo.

O desafio para os próximos 50 anos é a diversificação das iniciativas, reafirmando a necessidade de vivenciar no corpo e na voz a cultura tradicional, através da dança, do teatro, da música e de todas as artes que dão sentido e enriquecem o quotidiano das comunidades. Resistindo, hoje como no passado, a todas as tentativas de domesticação e normalização do que é por natureza livre, imprevisível, revelador do que de melhor somos capazes quando nos regemos por princípios de solidariedade e aceitação da diversidade. (MORAIS in GEFAC 2017: p. 257)

Também o balanço crítico que faço acerca da minha experiência dentro da produção das Jornadas aponta para o futuro. Aprendi muito com o empenho que coloquei em todos os objetivos que me foram propostos e que consegui colocar em prática no âmbito do estágio, e também com o trabalho de equipa que pude observar e em que ativamente participei. Sobra-me apontar algumas sugestões para o trabalho vindouro do GEFAC, que também comuniquei ao coletivo no Relatório de Atividades das Jornadas apresentado na Assembleia Geral de Sócios, realizada no dia 10 de outubro de 2019. Uma vez que uma das maiores dificuldades sentidas foi a de divulgação e captação de público para as Jornadas, penso que essa deverá ser a principal estratégia a ser revista nos próximos eventos do GEFAC. Proponho que haja uma maior preocupação em criar um público-alvo, algo que deve ser pensado anualmente e não só pontualmente, ou seja, não só quando há espetáculos do grupo ou Jornadas. A cidade de Coimbra está rodeada de movimentos muito fortes no que diz respeito à dança, música e teatro, e dessa forma seria interessante repensar em estratégias de divulgação: estabelecer contacto com grupos e associações, pedindo colaboração na divulgação e, por exemplo, oferecer como contrapartida algum desconto para os sócios destas entidades ou até parcerias ou intercâmbios de programação. Outra forma de criar mais

sinergia em torno das atividades do GEFAC, em termos de envolvimento do público mas também do reforço financeiro do grupo, poderá passar pela dinamização de mais eventos ao longo do ano para o público em geral: workshops de música e dança; bailes acompanhados pela Tocata e Cantata ou por grupos próximos ao coletivo, onde qualquer um possa dançar (recorrendo por exemplo a um mandador ou monitor de dança); foliadas/*jams* uma vez por mês ou até por semana, por exemplo, ou em diferentes locais. São ideias que poderão agregar mais gente à atividade do grupo e abrir um pouco o espectro, na senda dos desafios constantes que atualmente qualquer entidade cultural tem de enfrentar.

Serei para sempre uma “gefaquiana”, levo o legado comigo e a satisfação de ter feito parte de um organismo com tanta história, resultado de grandes doses combinadas de resistência e de rebeldia! Uma família que me fica, e também uma escola. Um dos meus objetivos após esta experiência, e que já comecei a pôr em prática, é continuar a trabalhar com a música e literatura tradicional, sobretudo como instrumentista, mas também como investigadora.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Idalina, “Na Senda das Lembranças, uma filigrana de momentos 1979-2000” in GEFAC (ed.), 2017, *Bico Bico Chão: 50 Anos de GEFAC*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 164-175.

BARRIGA, Maria José, 2003, *Cante ao baldão. Uma prática de desafio no Alentejo*. Lisboa: Colibri.

BITHELL, Caroline and HILL, Junniper (eds), 2015, *The Oxford Handbook of Music Revival*. New York: Oxford University Press.

CARVAS, Amparo, 2010, “MIRANDA, José Horácio” in Castelo-Branco, Salwa (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, vol. III, pp. 796.

CARVAS, Amparo, 2010, “PATO, Rui” in Castelo-Branco, Salwa (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, vol. III, pp. 972-973.

CASTELO-BRANCO, Salwa (ed.), 2010, *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates.

CASTELO-BRANCO, Salwa e BRANCO, Jorge Freitas, 2003, “Folclorização em Portugal: uma perspetiva” in Castelo-Branco, Salwa e Branco, Jorge Freitas (coord.), *Vozes do Povo - A Folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, pp. 1-21.

CASTELO-BRANCO, Salwa e FERNANDEZ, Susana Moreno, 2010, “Expressões Musicais e coreográficas em torno da «tradição»” in Castelo-Branco, Salwa (ed.), *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, pp. 1383-1386.

CASTELO-BRANCO, Salwa, 2010, “Etnomusicologia” in Castelo-Branco, Salwa (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, vol. II, pp. 419-432.

CÉSAR, António João e ROXO, Pedro, 2010, “MEIRELES, Fernando” in Castelo-Branco, Salwa (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, vol. III, pp. 761-762.

EYERMAN, Ron and JAMISON, Andrew, 1998, *Music and Social Movements. Mobilizing Traditions in the Twentieth Century*. Cambridge University Press.

FERNANDEZ, Susana Moreno, março 2008, “O revivalismo das práticas musicais da gaita-de-foles em Miranda do Douro: relatório preliminar do trabalho de terreno” in *INET-MD Boletim: 11-15*.

FONSECA, Manuela Pires (ed.), 2006, *Contra danças não há argumentos- Uma década de Andanças, Festival Internacional de Danças Populares*. Évora: Associação PédeXumbo.

FUJIE, Linda (ed.), 1996, “Folk Music Revival in Europe” in *World of Music* 38 (3) Special issue.

GALA, Giuseppe Michele, 2011-12, “Danza popolare e questioni storiche” in *Quaderno nº 11*. Firenze: Ed. Taranta.

GEFAC (ed.), 2017, *Bico Bico Chão: 50 anos de GEFAC*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

GEFAC (ed.), 2003, *Teatro Popular Mirandês – Textos de Cariz Profano*, vol. 1, Almedina

GEFAC (ed.), 2005, *Teatro Popular Mirandês- Textos de Cariz Religioso*, vol. 2, Almedina

GODINHO, Paula, “Quando o todo é maior que a soma das partes: etnografar memórias, nos 50 anos do GEFAC” in GEFAC (ed.), 2017, *Bico Bico Chão: 50 Anos de GEFAC*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 8-17.

GUAPO, Amanda e LAFITA, Savina, 2012, “Apropriações das Festas de Inverno em Trás-os-Montes” in Godinho, Paula (coord), *Usos da memória e práticas do Património*. Lisboa: Edições Colibri/ IELT.

GUERREIRO, Carlos e ROXO, Pedro, 2010, “GAC” in Castelo-Branco, Salwa (ed.): *Enciclopédia da Música Portuguesa em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, vol II, pp. 551-553.

GUERREIRO, Marta e OLIVEIRA, Joana (coord.), 2018, *Quem Dança por Gosto não Cansa – PX a dançar há 20 anos*. Évora: Associação PédeXumbo.

LIMA, Maria João, 2010, “Brigada Vitor Jara” in Castelo-Branco, Salwa (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, vol. I, pp. 182-184.

MONTEVERDE, Carlos, “O GEFAC é um espetáculo! 1969-1970” in GEFAC (ed.), 2017, *Bico Bico Chão: 50 Anos de GEFAC*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 112-119.

MORAIS, Domingos, “Humanizar a diversidade” in GEFAC (ed.), 2017, *Bico Bico Chão: 50 Anos de GEFAC*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 256-257

PESTANA, Maria do Rosário, 2009, “Voltar a Casa e tocar de Ouvido: música, ecologia e a ordem incerta do mundo” in *Performa’09- Encontros de Investigação em Performance*, Universidade de Aveiro.

PESTANA, Maria do Rosário e Oliveira, Luísa Tiago (coord.), 2017, *Cantar no Alentejo. A terra, o passado e o presente*. Estremoz Editora.

PESTANA, Maria do Rosário e SILVA, Julieta, 2016, *From knowledge to action: Recycling rural sounds to a sustainable urban society*. Poster apresentado no congresso “Encontro com a ciência e tecnologia em Portugal” organizado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

ROSENBERG, Neil V. (ed.), 1993, *Transforming Traditions*. Chicago: University of Illinois Press.

SILVA, Julieta e CARDINA, Miguel, “GEFAC: das origens ao 25 de Abril 1966-1974” in GEFAC (ed.), 2017, *Bico Bico Chão: 50 Anos de GEFAC*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 31-43.

SWEERS, Britta, 2005, *Electric Folk: The changing face of English Tradition*. New York: Oxford University Press.

TÉRCIO, Daniel, 2006, “Lançar o Futuro- Danças e (Des)folclorização” in *Contra danças não há argumentos*. Évora: Associação Pédexumbo.

TURINO, Thomas. 2008, *Music as Social Life: The Politics of Participation*. Chicago: University of Chicago Press.

WEBGRAFIA

<https://www.acabra.pt/2019/03/xvii-jornadas-de-cultura-popular-do-gefac-celebram-a-figura-feminina/>

<http://amusicaportuguesaagostardelapropria.org/>

<http://attambur.com/o.htm>

<https://www.facebook.com/jornadasGEFAC/>

www.gefac.pt

<https://www.noticiasdecoimbra.pt/gefac-promove-jornadas-que-realcam-papel-da-mulher-na-cultura-popular/>

<http://noticias.uc.pt/multimedia/videos/o-papel-da-mulher-na-cultura-popular-em-destaque-no-gefac/>

<http://www.taranta.it/taranta/quaderni-della-taranta/175-danza-popolare-e-questioni-storiche.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=eGNJHhJaDfA>

<https://www.youtube.com/watch?v=mKaGpoFtR6Q>

https://www.youtube.com/watch?v=ulmE_AsEPsU

ANEXOS

ANEXO A

Cronologia

1966

- Fundação do GEFAC
- Primeiro espetáculo da Tocata e Cantata (Teatro Paulo Quintela – FLUC)

1967

- Primeira Assembleia Geral (20 de fevereiro)
- Espetáculo da Tocata e Cantata em Arazede

1968

- Espetáculos da Tocata e Cantata em Valadares, Arazede e Montemor-o-Velho

1969

- Espetáculo da Tocata e Cantata no ginásio das instalações académicas (1 de maio, durante a crise académica)

1970

- Criação do Grupo de Estudos Etnográficos
- Criação da secção de Teatro Popular
- Estreia de um novo espetáculo inspirado no “Auto da Vida e da Morte” de António Aleixo Alvaiázere (1 de abril)
- Espetáculo da Tocata e Cantata em Castelo Branco (15 de maio)

1971

- Presença na RTP Canal 13 (18 de setembro)

1972

- Recolhas em Moinhos, Taveiro, Portalegre, Figueiró dos Vinhos e Seia

1974

- Ocupação de 5 salas na AAC (26 de abril)
- Primeiro espetáculo após o 25 de abril (com Tocata e Cantata, Amarante, 4 de maio)
- Primeira recolha de Teatro Popular (novembro)

1975

- Estreia da peça de teatro popular mirandês – *O Entremês de Jacobino* – em Monção
- Recolhas no Alentejo
- Espetáculo da Tocata e Cantata a favor do Bairro da Relvinha (TAGV, 17 de abril)
- Segunda recolha de teatro popular mirandês e dança dos Paulitos (dezembro, Trás-os-Montes)

1976

- 3 a 11 de julho, digressão ao Alentejo (Évora, Casa Branca, Pias, Aldeia Nova de São Bento, Pedrógão, Chelo)

1977

- 13 a 22 de abril, digressão à União Soviética (Novgorod, Leninegrado e Moscovo)
- Gravação para a televisão russa (Moscovo, 22 de abril)
- 23 a 29 de abril digressão à República Federal Alemã (Frankfurt, Klein Umstadt e Wiesbaden)
- Recolhas em Trás-os-Montes

1978

- 12 a 15 de agosto, digressão de verão (Penedono, Carapinheira, Furadouro, Figueira da Foz)
- Primeiro espetáculo com cenas teatralizadas (TAGV, 21 de outubro)
- Estreia do espetáculo *A Confissão do Vicente Marujo*

1979

- 6 a 9 de abril, recolha em Trás-os-Montes
- 2 a 7 de julho, I Jornadas de Cultura Popular

1980

- Espetáculo a favor das vítimas do sismo da Ilha Terceira (TAGV)
- Estreia do espetáculo com textos de Manuel da Fonseca (Rio de Vide, 28 de junho)
- Recolhas no Alentejo (Baleizão, Bencatel, São Matias, Serpa)

1981

- 22 a 3 de maio, II Jornadas de Cultura Popular
- 13 a 15 de novembro, recolhas em Ourondo, Paúl, Lousa, Monsanto e Penha Garcia

1982

- Estreia do espetáculo *O Ciclo da Vida* (TAGV, 19 de janeiro)
- 10 a 12 de abril, digressão ao Algarve (Conceição de Faro, Querença e Loulé)
- 12 a 13 de junho, digressão a França (Rosieris, Bourges, Mehun)
- Recolhas na Beira Baixa

1983

- 26 de fevereiro, RTP Festa É Festa
- 24 de maio a 1 de junho e 26 de junho a 7 de julho, III Jornadas de Cultura Popular

- 17 de setembro, RTP SOL DE VERÃO
- 23 de outubro, RTP A Festa Continua
- Recolha em Constantim, Malhadas, Ousilhão, Vinhais, Paradela, Podence, Rio de Onor

1984

- Recolhas em Trás-os-Montes (março)
- 13 a 20 de maio, digressão à União Soviética (Kiev, Poltava, Moscovo e Yaroslav)

1985

- 2 a 11 de maio, IV Jornadas de Cultura Popular
- 11 a 14 de agosto, digressão a França (Dax)

1986

- 8 de fevereiro, digressão a França (Pau e Coarraze)
- 17 de abril, estreia *A Estalagem* (TAGV)
- Recolhas em Lousã (maio)
- 10 de julho, estreia *A Tia Lucrecia* (Teatro de Bolso do TEUC)

1987

- 17 de fevereiro, RTP *Deixem Passar A Música* (Pauliteiros do GEFAC com Júlio Pereira)
- 17 de outubro, estreia *Religiosidade – Crenças* (Teatro Carlos Alberto)
- 22 de outubro a 8 de novembro, V Jornadas de Cultura Popular

1989

- 8 a 12 de junho, digressão a Alemanha e França (Marburg, Mainz e Pau)
- 2 de novembro, estreia *O Tempo da Mulher* (TAGV)
- VI Jornadas de Cultura Popular

1990

- 19 a 26 de maio, digressão à Bélgica (Bruxelas)

1991

- 11 a 22 de maio, digressão a França, Luxemburgo e Holanda
- Novembro de 1991 a janeiro de 1992, VII Jornadas de Cultura Popular

1992

- 7 e 8 de março, recolhas no Douro (Moldes, Souselo e Gralheira)
- 13 a 17 de julho, digressão a Inglaterra (Sheffield)

1993

- 22 de outubro, estreia *O Eterno Compromisso* (Teatro Avenida)

1994

- 22 a 27 de abril, digressão ao Luxemburgo e Bélgica

1995

- 23 de fevereiro, participação no espetáculo de Né Ladeiras (Centro Cultural de Belém)
- 21 de junho, reposição de *A Confissão do Vicente Marujo* (Teatro de Bolso do TEUC)
- 7 de outubro a 2 de novembro, VIII Jornadas de Cultura Popular: Vozes, Ritmos e Gestos por Michel Giacometti
- Recolhas em Trás-os-Montes de danças, Pauliteiros (Miranda do Douro)

1997

- 8 a 12 de maio, digressão a França (Poitiers)
- 4 de julho, estreia *A Vida Alegre do Brioso João Soldado* (Auditório do Instituto Português da Juventude)

- 17 de outubro a 14 de novembro, IV Jornadas de Cultura Popular: Os Povos e a Música

1998

- 17 de maio, recolhas em Lousã

2000

- 19 de abril, RTP Praça da Alegria (com a Brigada Vitor Jara)
- 20 de abril, RTP A Outra Face da Lua (com a Brigada Vitor Jara)
- 27 de abril, RTP O Terreiro do Paço (com a Brigada Vitor Jara)
- 26 de outubro, estreia *Sete Luas* (TAGV)
- Publicação da brochura de teatro popular mirandês: *A Vida Alegre do Brioso João Soldado*

2001

- 23 de julho, reposição O Entremês de Jacobino (Teatro Estúdio do CITAC)

2002

- abril a junho, X Jornadas de Cultura Popular
- Publicação da brochura de teatro popular mirandês: *O Entremês de Jacobino Ou A Casa de Caloteiros e Ladrões*

2003

- Publicação do livro *Teatro Popular Mirandês Textos de Cariz Profano*

2004

- 27 de maio, estreia *O Capote* (Auditório do Instituto Português da Juventude)

2005

- Recolhas no Alentejo (Bencatel)

- 17 a 24 de abril, XI Jornadas de Cultura Popular
- Publicação do livro *Teatro Popular Mirandês Textos de Cariz Religioso*

2006

- Recolhas no Alentejo (Peroguarda e Cuba)
- 10 de março, estreia *A Água Dorme de Noite* (TAGV)

2007

- 7 de março, apresentação da Tocata e Cantata *Cantares ao Sol* (Café Santa Cruz)
- 13 de abril a 28 de maio, XII Jornadas de Cultura Popular (40 anos)
- 14 de abril, estreia espetáculo da Tocata e Cantata *40 Anos GEFAC* (TAGV)
- 1 de maio, estreia *Comédia do Verdadeiro Santo António Que Livrou Seu Pai Da Morte Em Lisboa* (TCSB)
- Publicação da brochura *Comédia do Verdadeiro Santo António Que Livrou Seu Pai Da Morte Em Lisboa*

2008

- 25 de maio, RTP Dança Comigo Por Uma Boa Causa

2009

- 7 de março, *Reviravolta* (Galeria de Antropologia da UC)
- 14 de maio, estreia *Você Está Aqui* (Convento de São Francisco)
- 18 de julho, estreia *Setestrela* (Pátio das Escolas da UC)

2010

- 6 de maio a 19 de junho, XIII Jornadas de Cultura Popular: Ao Encontro de Ernesto Veiga de Oliveira

- 8 de junho, estreia JÁK-HÁ-VYNHAS (Repúblicas Bota-Abaixo, RÁS-TE-PARTA, e PRÁ-KYS-TÃO)
- 18 a 22 de dezembro, digressão à Argélia

2011

- 7 de abril, estreia *Bicho Gente e Outros Quebrantos* (Galeria de Zoologia do Museu da Ciência da UC)
- Prémio do Público no FATAL (Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa)

2012

- 19 de abril a 4 de outubro, XIV Jornadas de Cultura Popular: O Corpo e a Palavra
- 4 de outubro estreia Viagem (TAGV)

2013

- 11 de abril, estreia Manhã (TCSB)
- 24 de maio, estreia Amor Desgarrado (Mogadouro)
- 12 de novembro, Por Um Fio (Museu da Ciência da UC)

2014

- 25 de abril a 3 de maio, XV Jornadas de Cultura Popular: Resistências, em Homenagem a Manuel Louzã Henriques
- 29 de abril, Jardins Suspensos (Real República Palácio da Loucura)

2015

- 11 de abril, espetáculo Ombro com Ombro (Casa da Madeira – Coimbra)

2016

- Comemoração dos 50 anos do GEFAC

ANEXO B

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

GEFAC
GRUPO DE
ETNOGRAFIA E FOLCLORE
DA ACADEMIA DE COIMBRA



**XVII JORNADAS
DE CULTURA POPULAR
8 MAR – 5 ABR 2019**

A MULHER E A CULTURA POPULAR

**OFÍCIOS, CANTOS
E CONTOS**

ESPECTÁCULOS

<p>Celina da Piedade e As Ceifeiras de Pias SÁB 9 MAR 21H30 CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE COIMBRA</p>	<p>De Lá Para Cá: Cantando e Andando POR GEFAC SÁB 16 MAR 21H30 DOM 17 MAR 16H TEATRO DA CERCA DE SÃO BERNARDO <small>Insediado na XXI Semana Cultural da UC – Coimbra</small></p>	<p>As Vozes de Manhouce e Cantadeiras do Vale do Neiva SÁB 30 MAR 21H IGREJA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE COIMBRA</p>	<p>Xabier Díaz & Adufeiras de Salitre SEX 5 ABR 21H30 TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE <small>Insediado na XXI Semana Cultural da UC – Coimbra</small></p>
---	---	--	--

INFÂNCIA

<p>Sessão de Contos para Crianças POR Thomas Bakik SÁB 9 MARÇO 11H CASA DAS ARTES BB</p>	<p>Comboio dos Ventos COM Vânia Couto e Maria Villanueva SÁB 16 MAR 11H TEATRO DA CERCA DE SÃO BERNARDO</p>	<p>Oficina de Contos COM Thomas Bakik QUA 3 ABR 19H-23H SALA DE ENSAIOS DO GEFAC (EDIFÍCIO AAO)</p>
---	--	--

COLÓQUIO

**Ofícios, Cantos e
Contos: A Mulher
e a Cultura
Popular**
SÁB 30 MAR 10H-18H
ATENEU DE COIMBRA

MESA REDONDA

**Cartografia do
canto a vozes:
cantadeiras,
práticas e
repertórios**
QUI 14 MAR 18H30
LOCAL A DEFINIR

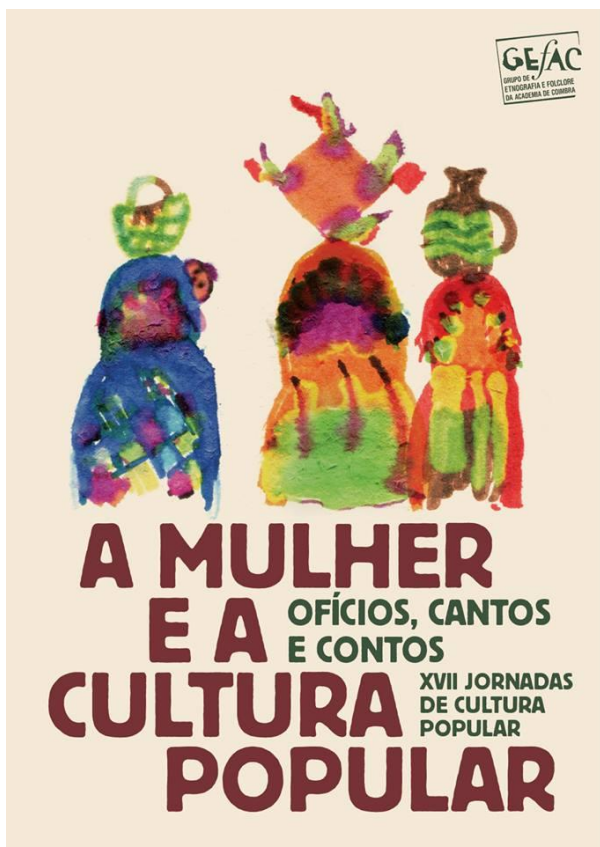
PASSEIO ETNOGRÁFICO

**O Baixo, o Raso
e o Riba**
SÁB E DOM, 23 E 24 MAR
CONTACTO COM GRUPOS
DE CANTARES POLIFÔNICOS
DE LAFÔES

1 – Cartaz oficial das XVII Jornadas de Cultura Popular



2 – Banner do Facebook



ESPECTÁCULOS

Celina da Piedade e As Ceifeiras de Pias
 SÁB 9 MAR 21H30
 AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE COIMBRA
 PREÇO 12€ desconto, 15€ geral
 Bilhetes à venda em: Edifício AAC - GEFAC e RUC, TCSB, SPAC - Praça da República, Museu da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

De Lá Para Cá: Cantando e Andando
 POR GEFAC
 SÁB 16 MAR 21H30
 DOM 17 MAR 16H
 TEATRO DA CERCA DE SÃO BERNARDO
 PREÇO 4€ desconto, 6€ geral
 Bilhetes à venda no TCSB, reservas em geral@aescoladanoite.pt
 Inscrição na XXI Semana Cultural da UC - Caminhos

As Vozes de Manhouce e Cantadeiras do Vale do Neiva
 SÁB 30 MAR 21H
 IGREJA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE COIMBRA
 PREÇO 8€ desconto, 10€ geral
 Bilhetes à venda em: Edifício AAC - GEFAC e RUC, TCSB, SPAC - Praça da República, Museu da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Xabier Díaz & Adufeiras de Salitre
 SEX 5 ABR 21H30
 TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE
 PREÇO 12€ desconto, 15€ geral
 Bilhetes à venda no TAGU e em www.tagu.pt
 Inscrição na XXI Semana Cultural da UC - Caminhos

INFÂNCIA

Sessão de Contos para Crianças
 POR Thomas Bak
 SÁB 9 MARÇO 11H
 CASA DAS ARTES BB
 PREÇO 3€ (adulto+criança)
 Inscrições em reservasjornadasgefac@gmail.com

Comboio dos Ventos
 COM Vânia Couto e Maria Villanueva
 SÁB 16 MAR 11H
 TEATRO DA CERCA DE SÃO BERNARDO
 Sábados para a infância no TCSB
 PREÇO 10€ (adulto + criança)
 6€ (bilhete individual de adulto)
 Bilhetes à venda no TCSB, reservas em geral@aescoladanoite.pt

Oficina de Contos
 COM Thomas Bak
 QUA 3 ABR 18H-23H
 SALA DE ENSAIOS DO GEFAC (EDIFÍCIO AAC)
 PREÇO 3€ desconto, 5€ geral
 Inscrições em reservasjornadasgefac@gmail.com

COLÓQUIO

Ofícios, Cantos e Contos: A Mulher e a Cultura Popular
 SÁB 30 MAR 10H-18H
 ATENEU DE COIMBRA
 Entrada Livre

MESA REDONDA

Cartografia do canto a vozes: cantadeiras, práticas e repertórios
 QUI 14 MAR 18H30
 ATENEU DE COIMBRA
 Entrada Livre

PASSEIO ETNOGRÁFICO

O Baixo, o Raso e o Riba
 SÁB E DOM. 23 E 24 MAR
 CONTACTO COM GRUPOS DE CANTARES POLIFÔNICOS DE LAFÕES
 PREÇO varia entre 35€ e 45€ (inclui transporte, alojamento e refeições principais)
 Inscrições em reservasjornadasgefac@gmail.com

Asses

INFO gefac.pt ou facebook.com/jornadasGEFAC
 RESERVAS reservasjornadasgefac@gmail.com
 966 470 068 e 963 633 188

3 e 4 – Flyer (frente e verso)

XVII JORNADAS DE CULTURA POPULAR
8 MAR – 5 ABR 2019

SÁB 9 MAR 21H30
CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE COIMBRA

Celina da Piedade e As Ceifeiras de Pias

GEFAC
GRUPO DE ETNOLOGIA E FOLCLORE DA ACADEMIA DE COIMBRA

BILHETES
Edição AAC - GEFAC e RUC, TCR, SPFC - Praça da Rep., Museu da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra


RESERVAS
reservajornadagefac@gmail.com
966 478 068 e 963 633 188
INFO gefac.pt ou facebook.com/jornadasGEFAC

Apoios
COIMBRA, ecn, FCT, Labo, 5000, EFAPL


5 – Cartaz do concerto de Celina da Piedade e As Ceifeiras de Pias

SÁB 16 MAR 21H30
DOM 17 MAR 16H
TEATRO DA CERCA
DE SÃO BERNARDO

XVII JORNADAS
DE CULTURA POPULAR
8 MAR – 5 ABR 2019



De Lá Para Cá: Cantando e Andando




Inserido na XXI Semana Cultural da UC – Caminhos

BILHETES
Edifício AAC - GEFAC e RUC, TCSB,
SPAC - Praça do Esp., Museu da Santa Casa
da Misericórdia de Coimbra

RESERVAS
reservajornadasgefacs@gmail.com
966 479 066 e 963 833 188
INFO gefac.pt ou facebook.com/jornadasGEFAC

Apoios



RETOUR
ETAFEL

6 – Cartaz do concerto De Lá Para Cá: Cantando e Andando



9 – Cartaz do concerto de Xabier Díaz & Adufeiras de Salitre

SÁB 16 MAR 21H30
DOM 17 MAR 16H
TEATRO DA CERCA
DE SÃO BERNARDO

XVII JORNADAS
DE CULTURA POPULAR
8 MAR - 5 ABR 2019



De Lá Para Cá: Cantando e Andando

Várias vozes que se sobrepõem e se complementam, vêm e levam-nos para longe, cruzando também os ofícios, as estórias e os saberes que as moldam. *De Lá Para Cá: Cantando e Andando* é um espectáculo dedicado às Polifonias Populares Portuguesas e aos ofícios e vidas das pessoas que lhes dão voz. Centra-se particularmente nas mulheres que, tal como a etnografia nos demonstra, trilharam de especial e reconhecível modo os caminhos das polifonias e da transmissão oral da Cultura Popular Portuguesa.

criação artística e musical GEFAC
cenografia GEFAC
figurinos GEFAC
desenho de luz GEFAC
vídeo GEFAC e Eduardo Pinto
duração 75'
Espectáculo inserido na XXI Semana Cultural da Universidade de Coimbra.



10 – Folha de sala do concerto De Lá Para Cá: Cantando e Andando (frente)

Aloio (Beira Alta) (<i>excerto</i>)	6 Canção de berço (Beira-Baixa)	11 Cantar à meia noite (Açores)	<i> regresso das segadas</i> (Trás-os-Montes) (<i>excerto</i>)
1 Tia Baptista (Beira Alta)	7 Encomendação das almas (Dão-Lafões)	12 D. Varão (Algarve)	16 Durme (Sefardita)
2 Senhora do Almortão (Beira Baixa)	<i>Senhora do Alvío</i> (Minho) (<i>excerto</i>)	13 Já são horas da merenda (Alentejo)	<i>Vareira</i> (Minho) (<i>excerto</i>)
3 Oh prima vamos prá ceifa (Dão-Lafões)	8 Cantiga de malhadas (Minho)	14 Cantiga do entrudo (Beira Baixa)	17 Alvorada (Açores)
4 Moda dos braços (Açores)	9 Pelo toque da viola (Alentejo)	15 Ó meu São João Baptista (Beira Baixa)	18 Alvisaras (Beira Alta)
5 Canto de S. João (Minho)	10 Moda da esposada (Beira Baixa)		<i>Arvoredo fechado</i> (Beira Baixa) (<i>excerto</i>)
	<i>Luár da meia noite</i> (Dão-Lafões) (<i>excerto</i>)		19 Penteai o meu cabelo (Alentejo)
			20 Costureira (Minho)

Excertos dos documentários seriados
"Povo que Canta (1970-1974)" de Michel Giacometti
e Alfredo Tropa e de "Povo que Canta (2005)"
de Iván dias e Manuel Rocha.

Agéios

11 – Folha de sala do concerto De Lá Para Cá: Cantando e Andando (verso)

ANEXO C

Carta de apresentação



XVII JORNADAS DE CULTURA POPULAR DO GEFAC: OFÍCIOS, CANTOS E CONTOS: A MULHER E A CULTURA POPULAR PROGRAMA COMPLETO | 8 de Março a 5 de Abril

As Jornadas de Cultura Popular, um dos principais eventos do GEFAC, têm, desde 1979, proporcionado à cidade de Coimbra múltiplos momentos de reflexão sobre a cultura popular, através de diversas actividades. Tem sido propósito destas Jornadas promover o encontro de cada cidadão/ã, não só com a sua própria cultura mas também com a cultura de outros povos – por aproximação e comparação, para conhecimento e divulgação. Para isso, o grupo tem apostado em programas de qualidade, como acreditamos ser o caso daquele que apresentamos para as estas Jornadas, no caso as XVII: "Ofícios, Cantos e Contos: A Mulher e a Cultura Popular".

Espectáculos:

Celina da Piedade e As Celfeiras de Pias Sábado, 9 Março, 21h30 Local: Auditório do Conservatório de Música de Coimbra Preço: 12€* / 15€ * Desconto aplicado a sócios/as do GEFAC e sócios/as do SPRC

“De Lá Para Cá: Cantando e Andando” por GEFAC

Sábado, 16 de Março, 21h30 e 17 Março, 16h Local: Teatro da Cerca de São Bernardo Inserido na XXI Semana Cultural da Universidade de Coimbra – Caminhos Preço: 4€* / 6€ *Desconto aplicado a sócios/as do GEFAC, sócios/as do SPRC, estudantes, jovens, desempregadas/os, M/65, grupos de 10 ou + pessoas profissionais e amadores de teatro)

As Vozes de Manhouce e Cantadeiras do Vale do Nelva Sábado, 30 Março, 21h Local: Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra Preço: 8€* / 10€ *Desconto aplicado a sócios/as do GEFAC e sócios/as do SPRC

Xabier Díaz & Adufeiras de Salitre Sexta, 5 Abril, 21h30 Local: Teatro Académico de Gil Vicente Inserido na XXI Semana Cultural da Universidade de Coimbra – Caminhos Preço: 12€ / 15€ * *Desconto aplicado a < 25, estudante, > 65, comunidade UC, grupo ≥ 10, desempregados/a e parcerias

Infância:

Sessão de Contos para Crianças por Thomas Bakk Sábado, 9 Março, 11h00 Local: Casa das Artes Bissaya Barreto Preço: 3€ (adulto e criança)

“Comboio dos Ventos” com Vânia Couto e Maria Villanueva Sábado, 16 Março, 11h00 No âmbito dos Sábados para a Infância no TSCB Local: Teatro da Cerca de São Bernardo Preço: 10€ (adulto+criança) / 6€ (bilhete individual de adulto)

Colóquio:**"Ofícios, Cantos e Contos: A Mulher e a Cultura Popular"**

Sábado 30 Março, 10h00-18h00 Local: Ateneu de Coimbra Entrada Livre

Passeio Etnográfico:

"O Baixo, o Raso e o Riba" Sábado e domingo, 23 e 24 Março Contacto com Grupos de Cantares Polifónicos de Lafões. Preço: de 35€ a 45€ (transporte, alojamento e refeições principais]

Outros:

MATINÉE XVII Jornada de Cultura Popular do GEFAC Sexta-feira, 8 Março, 18h00 Local: Casa das Artes Bissaya Barreto Entrada Livre

MESA REDONDA

"Cartografia do canto a vozes: cantadeiras, práticas e repertórios" Quinta-feira, 14 Março, 18h30 Ateneu de Coimbra Entrada livre

Oficina de Contos Quarta, 3 Abril com Thomas Bakk Local: Sala de Ensaios do GEFAC (Edifício AAC) Preço: 3€* / 5€* Desconto aplicado a sócios/as do GEFAC e sócios/as do SPRC

ANEXO D**DOCUMENTO DO HORÁRIO DA BILHETEIRA - SALA DO GEFAC****XVII Jornadas de Cultura Popular****BILHETEIRA GEFAC**

FEVEREIRO	RESPONSÁVEL DE BILHETEIRA
12	-
13	Ana Santos
14	Ana Santos
15	Patrícia Mendonça
18	Patrícia Mendonça
19	Patrícia Mendonça
20	Patrícia Mendonça
21	Ana Santos
22	Ana Santos
25	Patrícia Mendonça
26	Ana Santos
27	Ana Santos
28	Patrícia Mendonça

MARÇO	RESPONSÁVEL DE BILHETEIRA
01	Patrícia Mendonça
04	Patrícia Mendonça
05	Ana Santos
06	Ana Santos
07	Ana Santos
08	Patrícia Mendonça

ANEXO E

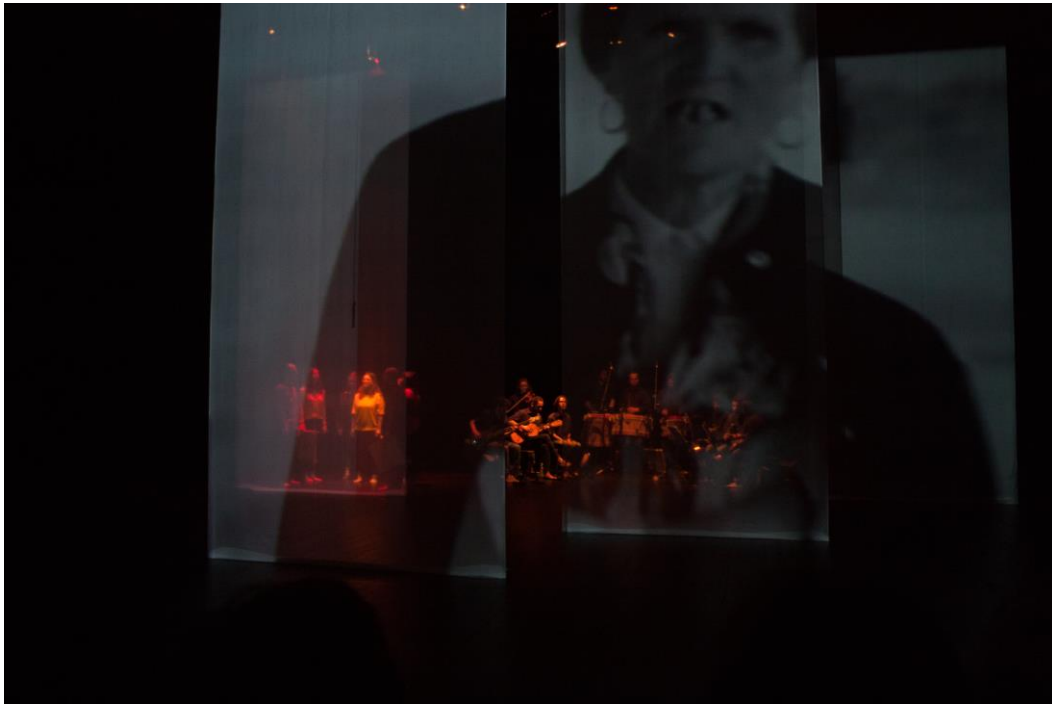
Fotografias do espetáculo De Lá Para Cá: Cantando e Andando



12



13



14



15



16



17



18